

Memórias de Virgindades "perdidas"



Organizador/a

Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira
Lucas Súllivam Marques Leite



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária – EDUERN

Francisco Fabiano de Freitas Mendes



Conselho Editorial das Edições UERN

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

Capa e Diagramação

Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira

Lucas Súllivam Marques Leite

Revisão

Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Oliveira, Aryanne Sérgia Queiroz de.
Memórias de Virgindades “Perdidas” [recurso eletrônico]. / Aryanne Sérgia
Queiroz de Oliveira, Lucas Súllivam Marques Leite (organizadores) - Mossoró(RN):
Edições UERN, 2022.

76 p. ; PDF.

ISBN: 978-85-7621-317-8

1. Sexualidade humana. 2. Sexualidade – Virgindade - narrativas de pessoas. I.
Oliveira, Aryanne Sérgia Queiroz de. II. Leite, Lucas Súllivam Marques..
III. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. IV. Título.

UERN/BC

CDD 306.7

Sumário

<i>Apresentação - Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira</i>	03
<i>Prefácio - Lucas Gomes de Medeiros</i>	05
<i>Narrativa de Jack Ennis</i>	09
<i>Narrativa de Aurora</i>	15
<i>Narrativa de Minerva</i>	16
<i>Narrativa de Libélula</i>	19
<i>Narrativa de Circe</i>	23
<i>Narrativa de Amanda</i>	24
<i>Narrativa de Atena</i>	27
<i>Narrativa de Poseidon</i>	30
<i>Narrativa de Janus</i>	34
<i>Narrativa de Clio</i>	38
<i>Narrativa de Luna</i>	39
<i>Narrativa de Judas</i>	41
<i>Narrativa de Maria Antonieta</i>	44
<i>Narrativa de Varus</i>	48
<i>Narrativa de Beijar-Flor</i>	50
<i>Narrativa de Afrodite</i>	52
<i>Narrativa de Hera</i>	54
<i>Narrativa de Ópio</i>	57
<i>Narrativa de Belatriz</i>	58
<i>Narrativa de Olímpia</i>	59
<i>Narrativa de Fênix</i>	62
<i>Narrativa de Tobogã do Amor</i>	65
<i>Narrativa de Susana</i>	69
<i>Narrativa de Lilith</i>	70
<i>Narrativa de Deméter</i>	73
<i>Credenciais do/a Organizador/a</i>	76



APRESENTAÇÃO

Aryanne Sérgio Queiroz de Oliveira

No início, era projeto. Hoje, concretude. Tudo começou no componente curricular *História e Psicanálise*, no curso de graduação em História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Certo dia, a turma adentrou em uma discussão (em sala *online*, no contexto de Pandemia do COVID19) sobre a “perda da virgindade”.

Depois dessa aula, ficou o assunto reverberando em mim. Paralelamente, estava eu fazendo leituras de textos sobre Feminismos, os quais eram obrigatórios para serem discutidos em sala de aula no Doutorado de Ciências Sociais, na disciplina *Seminários Temáticos de Gênero – Conexões entre feminismos clássicos e contemporâneos*, no Programa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Tais leituras discutiam sobre o controle dos corpos das mulheres cisgênero no Quênia, país do continente africano, onde ocorre um ritual para realizar a mutilação genital feminina, com o intuito de “purificação dos corpos”. O corpo feminino significa sexo e sexo é algo pecaminoso. E se é pecaminoso, precisa ser corrigido, senão se tornará amaldiçoado. Em sala virtual, debatemos sobre essa forma de “purificar” as mulheres, como se todas nascessem “impuras”; dialogamos sobre como o nosso olhar Ocidental visualiza essa prática e enxerga como contrária aos Direitos Humanos. Percebemos também o quanto as pessoas evitam falar sobre sexo, como se fosse algo ruim, algo prejudicial à moral social. Analisamos como as culturas são diferentes em vários aspectos, mas preservam algo em comum: o tabu em relação aos corpos sexualizados; o tabu em relação ao sexo.

Esses dois debates citados se entrelaçaram em minha mente e advieram alguns questionamentos: por que esse tabu ainda permeia a nossa sociedade, em pleno Século XXI? Por que não dialogar mais sobre isso com as pessoas comuns? Será que as pessoas estariam dispostas a falar e escrever um pouco sobre as suas histórias? Será que a palavra (falada ou escrita) poderia reverberar em algo positivo, caso as pessoas pudessem expor as suas vivências sexuais? Será que as primeiras experiências sexuais estão sendo tão traumáticas que as pessoas estão ocultando no inconsciente, como se um mecanismo de defesa estivesse atuando sobre elas? Como eu posso ajudar para que esse diálogo sobre o referido tabu aconteça? Como fazer para que essa interlocução não se perca?

A partir dessas indagações, me veio o *insight*: convidar diversas pessoas — independentemente de idade, etnia, origem, credo, identidade de gênero, orientação sexual, etc — a participarem da produção de um livro em formato *e-book*, o qual seria nomeado com o título “*Memórias de Virgindades ‘Perdidas’*”, visando possibilitar reflexões acerca do Tabu da Virgindade, que ainda permanece para muitas pessoas como algo a não ser discutido de forma ampla.

Sabemos que algumas instituições — como a escola, a família e a Igreja — preferem que esse assunto continue sendo silenciado para facilitar o controle dos corpos, como bem teorizou Michel Foucault (2009), ao dizer que “O poder disciplinar é invisível, pode vigiar sem ser visto, se expressando pelo olhar e exercendo seu controle sobre os corpos em questão. Mantendo o indivíduo disciplinado”.

Deste modo, unida ao amigo, pesquisador e filósofo Lucas Sullivam Marques Leite, nos reunimos para realizar a tarefa de organizar este *e-book*, pretendendo escancarar esse debate, trazer à tona o que realmente se passa na vida cotidiana das pessoas em relação à “perda” da virgindade. Desejamos fazer com que os/as leitores/as tentem descobrir o que realmente “se perde”; se é que se “perde” algo.

Queremos igualmente fomentar a discussão, diante das narrativas de pessoas comuns, sobre como os acontecimentos do antes, do durante e do depois dessa “perda” da virgindade ficaram gravadas em suas memórias; alertamos que devemos estar atentos/as/es sobre como a cultura influencia nas Sexualidades dos mais diversos sujeitos. Para isso, contamos com a voluntária participação de 25 pessoas, de variados locais e variadas regiões do país. Divulgamos a nossa Carta-Convite nas nossas redes sociais (*Instagram* e *Whatsapp*) e os/as interessados/as/es entraram em contato, informando alguns dados pessoais, além de escolherem um nome fictício para as suas narrativas. Os seus nomes de registros não foram expostos nesta obra, portanto, mantivemos as suas identidades preservadas e substituímos por nomes fictícios, sugeridos pelos/as próprios/as colaboradores/as. Somente a/o organizador/a desse projeto teve acesso ao nome de registro das pessoas envolvidas. Algumas pessoas preferiram enviar áudios, contando um pouco sobre suas histórias e transcrevemos de forma fidedigna ao que fora dito em palavras faladas, tentando preservar ao máximo o modo de falar e escrever dos sujeitos.

A obra contou com a colaboração e análise técnica do historiador e professor-pesquisador mestre e doutorando em História Social da Cultura Regional na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Lucas Gomes de Medeiros, dedicado ao estudo dos marcadores sociais da diferença (gênero e sexualidade) para construção do prefácio.

Cabe destacar que essa produção se insere entre as propostas e ações do *Ìgbín Ateliê de Lembranças* – uma produtora cultural e educativa – ainda não legalizada – que surge no sertão mossoroense no contexto da pandemia do COVID-19, como dispositivo incentivador da preservação e valorização da história, da cultura e da educação em contextos locais. O *Ìgbín* se propõe a desenvolver projetos artísticos, pedagógicos, literários, filosóficos, sociais, científicos, musicais e audiovisuais, com destaque nos estudos de Memória, (Auto) Biografia e Diversidade Cultural, iniciativas que revelam perspectivas sobre as histórias do lugar, das pessoas do lugar e dos acontecimentos do lugar.

Essa publicação não teve custo algum para aqueles/as que desejaram colaborar disponibilizando as narrativas publicadas e também não receberam nenhum valor, pois este *e-book* ficará disponível de forma gratuita na *Internet*, com o único objetivo de difundir conhecimentos acerca do tema ao público em geral, assim como aos/às literários/as, aos/às escritores/as e aos/às pesquisadores/as que desejarem fomentar os seus trabalhos acadêmicos.

Vamos juntos/as/es romper esse silêncio que gera esse Tabu da Virgindade, o qual, muitas vezes, prejudica a Sexualidade das pessoas, omitindo a importância do diálogo e da Educação Sexual, em todas as fases da vida!

Pedimos aos/às leitores/as que compartilhem este *e-book* ao máximo de pessoas que você conhece! Quanto mais pessoas envolvidas e unidas a favor desse diálogo, melhor!



PREFÁCIO

Lucas Gomes de Medeiros¹

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Jorge Larossa Bondía²

Os escritos reunidos para composição da obra *Memórias de Virgindades “Perdidas”* são de inestimável valor; talvez não seja apressado adjetivá-los como igualmente políticos, poéticos e profanos. Políticos pelo tom de denúncia aos regimes que tomam a heterossexualidade como compulsória e às múltiplas violações de direitos; poéticos pela maneira original e sensível como foram escritos na qual os/as interlocutores/as tomam posse da palavra e se projetam como sujeitos da própria experiência que foi narrada de forma livre, autônoma e criativa; por último, são profanos quando tangenciam e expõem questões que costumam ser tratadas com discrição ou submetidas ao definitivo silêncio, graças ao imaginário cristão que ronda o ocidente e se espraia para além das instituições religiosas. Esse imaginário ao secularizar-se é cotidianamente convertido em políticas de Estado aptas a interferir diretamente nos modos como se vive os prazeres e as práticas sexuais.

A virgindade – costumeiramente atribuída a musas e santas é o objeto primeiro dessa obra – diz respeito à condição que precede a efetivação das práticas sexuais e pode ser compreendida como conceito forjado na encruzilhada que aproxima (e em certa medida põe em disputa) saberes médicos, biológicos de saberes sociológicos, antropológicos e históricos. Logo, a virgindade verteu-se, pelo menos nas sociedades ocidentalizadas, em objeto de disputa sobre o qual se imprime as mais diversas formações discursivas. O termo “perda” quando a ela atribuído, por exemplo, explicita a construção de um juízo de valor e de uma moralidade sobre o estado de determinados corpos: não há antônimo para o adjetivo “perda”

¹Doutorando e mestre em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

²LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Autêntica. 2020.

quando esse trata da virgindade, pois a virgindade só se perde, nunca se ganha. Ela é tida como um dado da natureza cuja violação (irreversível) só pode ser dada mediante estímulos extracorpóreos.

Em um dos textos mais complexos e polêmicos que versa sobre a relação entre Igreja Católica e sexualidade, em uma longa duração que se estende de Jesus a Bento XVI, a teóloga Uta Ranke-Heinemann (2019)³ sugere que no Ocidente a hostilidade ao prazer do corpo é um legado da Antiguidade: os médicos aconselhavam que a abstinência e o casamento deveriam ser valorizados em detrimento da vida sexual. O ideal da virgindade, para a autora, não começou com o Cristianismo, mas com ele se modifica drasticamente. A hostilidade para com os prazeres do corpo já era reforçada pelos gnósticos e os neoplatônicos também eram entusiastas de uma vida abstinente, desse modo, conclui que a moral sexual e o desprezo ao corpo têm raízes em vários e distintos movimentos filosóficos da Antiguidade.

Se o pessimismo sexual por um lado não pode ser tido como uma invenção necessariamente cristã, por outro, o pecado sim. A noção de pecado diz respeito exatamente a um conjunto de interditos de caráter moral, mas que não se limitam às regras de boa convivência ética em sociedade – vai além quando para justificar o que pode ou não ser feito evoca os desejos de uma divindade una, justa, transcendente e bondosa. O que é assegurado aos mortais por livrarem-se do pecado é a vida eterna, a salvação. Desse modo, a partir do século IV com o triunfo da facção romana entre as múltiplas expressões do Cristianismo nos primeiros séculos (Veyne, 2014)⁴, o Ocidente torna-se palco para a instauração de um Cristianismo associado ao Império; o conceito de pecado vai sendo historicamente reformulado e a chegada à Idade Média é marcada pela afirmação da Igreja Católica como instituição mais poderosa do mundo ocidental. Movimentos teológicos e filosóficos como a Patrística e a Escolástica serão definitivamente tributários de concepções específicas sobre corpos e anatomia inseridas em uma ampla cosmologia: vide, por exemplo, as leituras e tentativas de restituição da biologia aristotélica por personalidades como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho.

A partir do século XVI, de acordo com o filósofo francês Michel Foucault (2015)⁵ a Europa se constituirá como cenário para a emergência de sociedades industriais modernas. Na

³RANKE-HEINEMAN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI**. Tradução: Paulo Fróes e Débora Donadel. 5.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

⁴VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Tradução: Marcos de Castro. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁵FOUCAULT, Michel **História da sexualidade1: a vontade de saber**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

contramão da maioria dos pensadores contemporâneos, o filósofo irá intervir que nesse contexto a sexualidade não será silenciada, tampouco as práticas sexuais de tudo oprimidas. Para ele, a repressão não se constituiu como elemento fundamental da sexualidade e, nesse sentido, propões críticas fundamentais ao que ele chamou de *hipótese repressiva*. Mais viável, no âmbito dessa nova realidade das sociedades ocidentais foi tomar a sexualidade como um verdadeiro dispositivo de controle que pressupunha determinada coerência entre práticas sexuais, condições corpóreas e identidades, o dispositivo da sexualidade assim instituía a docilização e adequação dos corpos e implícita e explicitamente informava as formas corretas de exercício da sexualidade e dos prazeres.

A construção histórico-discursiva das formas viáveis dos exercícios sexuais e da pecha de pecado, crime e doença por parte de instituições como a Igreja, os saberes jurídicos e médicos para com determinadas práticas tornaram a sexualidade no mundo ocidental moderno um verdadeiro campo minado. Se a partir do pensamento foucaultiano entendemos a sexualidade como um dispositivo de controle, um fenômeno social, reforçamos a importância de que a noção de sexualidade seja perpassada por uma outra noção cara aos textos aqui presentes, me refiro à noção de experiência. A dimensão da experiência por muito tempo foi descredibilizada pela Academia: a experiência narrada, descrita e estudada pelos próprios sujeitos da experiência; áreas do conhecimento como a Antropologia, por seu turno tomaram a experiência de outras pessoas como caras à análise da realidade simbólica e cultural dos grupos estudados. As formas de produção de conhecimento naturalizaram ao longo da história ocidental a necessidade de uma lacuna entre quem descreve/estuda e quem é descrito/estudado. Felizmente, a necessidade desse distanciamento vem sendo problematizada. Escritos como esses reforçam a importância de os "sujeitos da experiência" também serem tomados como sujeitos que analisam as suas próprias experiências compreendendo a importância e limites dessas. Aqui não encontraremos análises que tendem convencionalmente a fracionar em narrativas orais a fim de reforçar o pensamento desse/a ou daquele/a autor/a.

Ao contrário, aqui encontramos um conjunto de reflexões pessoais e intransponíveis que por si só se esgotam, não pela carência analítica, mas pela completude dos relatos, pela evocação de um lugar de autoridade conferido aos/as que foram tomados/as como pessoas comuns, vidas ordinárias e por isso mesmo pouco relevantes. Aqui encontramos verdadeiros manifestos, denúncias ao machismo, ao patriarcado, ao racismo, ao sexismo que se manifestam em instituições como a escola e a família. O leitor está diante um verdadeiro

conjunto de cartas-abertas; convocações a diálogos e a revoltas e; convites para que outras pessoas venham a converter o vivido em palavras e as palavras em ferramentas de resistências.



Narrativa de Jack Ennis

Ano de nascimento: 1991.
Idade que iniciou a vida sexual: 12 anos.
Identidade de gênero: homem cisgênero.
Orientação sexual: bissexual.

Filho de pais separados, caçula do pai, primogênito da mãe. Meus pais casaram na igreja (católica), mas a separação veio oito anos depois, quando eu tinha seis anos de idade. Cresci sob os cuidados e amor da minha mãe, com pouca participação do meu pai. Todavia, ele estava ali, amando, do jeito dele.

Nossa família não tem uma vivência fervorosa com nenhuma instituição religiosa, muito embora, meus pais, na juventude, tenham participado de grupos de jovens da Renovação Carismática Católica aqui na comunidade. Meu pai, depois dos 50 anos de idade, reconheceu que se identifica com as perspectivas cristãs evangélicas. Minha mãe, também depois dos 50 anos de idade, reconheceu que se identifica com perspectivas holísticas, como as práticas do autocuidado, com a espiritualidade, assim como com as práticas de cura, presentes nos cultos afro-brasileiros.

Atualmente meu pai está no quinto relacionamento, união estável, e minha mãe já passou por três relacionamentos, união estável. Meu pai sempre teve posicionamentos machistas, sexistas, patriarcal demais, embora com os anos, ele vem aprendendo, do jeito dele, mudando a postura, ressignificando.

Minha mãe sempre foi alguém determinada e independente, tem a sua profissão, carreira e é respeitada na sua área de atuação, referência no que faz. Nunca foi de insistir em relacionamento, quando vê que não vale à pena, vira a página e segue em frente. Todavia, continua presa ao ideal de amor romântico, que a mulher precisa de um homem para ser feliz e um dia encontrará a sua cara metade. Ainda sonha em encontrar o homem certo.

Tanto meu pai, quanto a minha mãe costumam dizer que não tiveram sorte no amor. Nunca tive um único diálogo com meus pais sobre minha sexualidade, orientações, recomendações. Mas sempre esteve implícito o que eles pensam sobre: que o homem nasceu para a mulher e a mulher para o homem. Embora eles casem e descasem, várias vezes, sempre demonstram de alguma forma que me querem ver firme na vida. Firme na vida não quer dizer

apenas trabalhando, independente, com profissão, com estudos e boa saúde. Nesse pacote também inclui estar bem casado e com filhos/as.

No ano de 2002 eu mudava de escola, era tudo novo, novas pessoas, novas histórias, novos experimentos, novas experiências, novos desejos, novas percepções de si e do outro. Eu tinha apenas 11 anos de idade. Eu sei, era menor de idade, estava na transição para adolescência. Nesse período, eu estava conhecendo meu corpo, minha sexualidade, imaginando possibilidades, administrando novas emoções e relações.

Nas relações com os novos colegas de escola, fui percebendo que o que eu vivia, não vivia só, mas ninguém comentava sobre e eu não tinha orientação de como administrar esses desejos. Existia em casa e na escola uma cultura do silenciamento da sexualidade, da virgindade, de outras formas de amar.

Todavia, existia também uma educação para a heterossexualidade, em casa e na escola. Mas essa educação para a heterossexualidade não me tocou, caiu por terra toda e qualquer tentativa. Um ano após a minha chegada à nova escola, iniciei minha vida sexual. Existiam ali dois colegas que despertavam minha atenção, curiosidade e desejo.

Um deles já estudava comigo desde o ano anterior, o outro era recém chegado à escola – tínhamos os três à mesma idade. Eu percebia que eles tinham desejo, curiosidade e medo, além disso, imagino que para eles era mais difícil que para mim: um tinha pai policial, outro mecânico.

A presença patriarcal homofóbica assustava cada vez mais. Com o estreitamento das relações e a convivência, veio a confiança de um deles. Este perguntou se eu poderia ajudá-lo em um trabalho escolar e perguntou se poderia vir a minha casa, quando eu estivesse sozinho. Eu entendi o que ele quis sugerir ao dizer “quando eu estivesse sozinho”. Surgiu a oportunidade e confirmei para ele ir a minha casa. Com isso a “perda” da minha virgindade no sofá da minha casa, mais precisamente do braço do sofá para a minha cama. Cá entre nós, não perdi nada. Ganhei muito, foi prazeroso, libertador e memorável.

Não teve nada de romântico, estávamos assustados. Nesse momento inicial não houve beijos, carícias, apenas um longo momento de penetração e depois a bebida do sêmen. A penetração não doeu e a bebida maravilhosa. Pouco tempo depois, conquistamos a confiança do outro colega. Com o outro, doeu. O pênis era mais grosso, longo e arredondado. Chegou a ser desconfortável, mas ele era lindo, lembrava tanto o Jack Twist do Filme “O Segredo de Brokeback Mountain”, por isso, mesmo que doendo, eu queria sempre mais (rsrs).

Não paramos por aí, continuamos em sigilo. Como éramos bem jovens, sem dinheiro e assustados demais para chegar a um motel, transávamos no banheiro da escola, no parque florestal ou na minha casa, quando eu estava sozinho. Às vezes ficávamos os três juntos, ou apenas eu e um deles. Nunca soube se eles se pegavam entre eles ou com outro homem. Com o passar do tempo, foi aparecendo espaço para as carícias, preliminares e eu pude ter minha experiência como ativo. Dessa primeira experiência como ativo, o que me tocou foi à sensação que fica quando a gente sente nosso sêmen saindo para dentro do corpo do outro no momento do sexo anal, eu não seria capaz de descrever em palavras como essa sensação é prazerosa.

Essa relação durou aproximadamente quatro anos. Até que para minha surpresa, eles começaram a namorar, cada um com uma garota. Uma delas da nossa mesma turma escolar. Quando isso aconteceu, eu me distanciei, por três razões: primeiro, uma das garotas sempre foi muito agradável comigo; segundo, eu e eles não tínhamos um relacionamento sério, sempre foi apenas sexo, sem amor, o que hoje conhecemos por broderagem; e por fim, precisamos respeitar o espaço do outro.

O processo de formação humana para rompimento de paradigmas e percepção de si não é linear, nem todas as pessoas crescem juntas. Perdemos contato, cada um para o seu lado. Raramente nos encontramos. O respeito de ambos os lados continua, mas se resumiu a um “Oi”, sem olhar nos olhos. Eles não conseguiram avançar, ainda. Guardo essa memória com muito carinho e respeito à história vivida.

Poucos anos depois, percebi que também sinto atração sexual por mulheres, mas, infelizmente, essa atração não é recíproca. Percebo poucas mulheres interessadas por mim. Até volto atrás, percebo sim, mulheres mais experientes, maduras, de uma ou duas décadas de idade na minha frente. Mas, mulheres da minha idade, difícil, viu...

Trago uma experiência desagradável: conheci sim, uma mulher da minha idade, que se interessou por mim, linda, de fenótipo indígena, doce, mexeu muito com minha sexualidade, me fez até chegar a pensar em relacionamento sério, experimentar um momento romântico. Compartilhei com ela que gosto de meninos e meninas, fui honesto. Ela me aceitou como eu sou. Ela era irmã de uma “amiga” sapata, essa sapata tinha um namorado e uma namorada, ou seja, também bissexual como eu, sendo que ela tinha apoio da família. A sapata convenceu a família que eu era “um veado” e não gostava de mulheres.

Foi nesse momento que senti o peso do preconceito e discriminação, o machismo presente na comunidade das letrinhas, sigla que me enoja até os dias atuais. Eu, por ser

homem, gostar de homem, não poderia gostar de mulher também. Ou uma coisa ou outra. Mas essa sapata por ser mulher poderia gostar de homens e de mulheres. Essa lógica existe. O preconceito e discriminação com homens bissexuais é algo praticado na comunidade das letrinhas, por lá também silenciado.

Eu poderia ter insistido na relação, talvez tivesse dado certo, por um tempo. Mas optei por virar a página e seguir em frente. Essa garota que me tomou os pensamentos por um longo tempo, mas era muito apegada com a irmã e dessa irmã eu queria distância. E eu não estava disposto a um relacionamento com a família da garota, em especial com a irmã dela.

Depois conheci um rapaz. Nossa... Esse me machucou de dentro para fora. O conheci no meu aniversário, em bloquinho de carnaval tradicional em minha cidade. Vivemos um romance diferente, sem sexo. Descobri uma forma possível e sincera de amar. Ainda hoje sinto o seu cheiro. Eu me debruçava sobre ele, o beijava e tocava cada parte do seu corpo, sentindo a sua pele e o seu cheiro. Sou capaz de reconhecer aquele perfume em qualquer lugar.

Todavia, tive medo de me entregar demais, pois eu nunca tinha estado apaixonado, tentei agir com a razão. Ele começou a se envolver com drogas e eu não percebia um freio, não era um uso casual, estava cada vez mais sem controle esse uso. Além disso, ele desenvolveu uma tara, começou a sair com caras desconhecidos, casual ou não, mas em um fluxo bem avançado. Aquilo me deixava triste, enojado e impotente. Triste por vê-lo definhando, enojado pela imaginação fértil. Imaginava ele com outro e aquilo era como se eu estivesse sendo violentado, não queria tocá-lo, impotente por nada poder fazer. Até poderia fazer algo, mas tive medo de enfrentar, de tentar intervir e me prender mais.

Não tínhamos um relacionamento sexual, muito menos fixo, mas nós dois juntos era visivelmente um casal, diferente, mas um casal. Esse relacionamento durou aproximadamente sete anos, até que o destino o levou dos meus braços, hoje mora em outro estado, lá pros lados do sudeste. Esperanço não nos encontrarmos mais.

Nos anos entre 2006 e 2013, aqui na minha comunidade, existiam em torno de quatro boates, inicialmente ainda identificadas como GLS. Nossa, esse período merece aqui um estudo mais aprofundado sobre a sociabilidade desses grupos, a efervescência dessas boates, bares no processo afirmativo e de percepção de si e do outro. Nada supera as festas com *strip-tease*. As festas de *rock*, também não ficaram para trás.

Nesse período eu tinha um grupo seletivo de amigas sapatadas e alguns poucos amigos gays. Essas amizades ainda hoje me acompanham. Conversamos sobre sexo, sexualidades, formas de amar, formas de relacionamentos. Éramos um grupo pequeno e unido.

Gostávamos de nos sociabilizar na casa de uma amiga-irmã, lá bebíamos muito, conversávamos, alguns curtiam um fogo – não era o meu caso, por ser careta. Mas transávamos muito. Tínhamos as canções de Cazuza, Russo, Cássia, Gaga, Pitty, Pink e algumas bandas góticas como trilha sonora, desses momentos tão bons.

Cabe destacar que em termos de amizade, sempre tive mais amigos heteros e poucos *gays*, seja com rapazes ou garotas, não por querer me esconder como muitos fazem. Nunca tive essa necessidade de me esconder, apenas sempre fui mais acolhido por pessoas heterossexuais, no meu caso o preconceito qual senti e continuo sentindo é bem maior bem maior por parte das *gays* que não reconhecem a minha bissexualidade.

Ao chegar à Universidade, o mundo das letras me abduziu, fui me afastando desses momentos de sociabilidades, as leituras acadêmicas com as de mundo me fizeram perceber que os tempos são outros. Muitas coisas devem ficar na lembrança, só quem viveu sabe realmente.

Hoje me percebo alguém não romântico e não monogâmico, considero justa e válida toda forma de amar e se relacionar, desde que não seja uma forma forçada, abusiva, repressiva. Já fiquei tanto por ficar, que hoje perdi a vontade. Passo de seis meses, um ano sem transar e para mim está tranquilo. Quando digo que não me vejo monogâmico, as pessoas logo me imaginam como alguém que transa com um e com outro, sem pudor, amor próprio e banhado na promiscuidade.

Na verdade, meu sentimento é tão simples...

Sinto vontade de ter um parceiro fixo, mas apenas para sexo. Não gosto do status de “namorado, casado, disponível”. Acredito que o status mais apropriado para mim seria de “amigo”. Não me vejo preso a uma relação. A monogamia não é saudável, óbvio, esse modo de vida pode ser confortável para alguém, mas explora e compromete a intimidade, a identidade, molda discretamente a essência das pessoas. Não rola, comigo!

Não sei se seria uma forma nova ou incomum de romantizar as coisas, mas gosto quando vez por outra me relaciono com um “amigo”, muito prazeroso. Ninguém viu, ninguém sabe, ninguém cobiça, nem inveja.

Algo constante, mas sem pressão, sem compromisso, seja com alguém casado ou não, o que este faz quando não estamos juntos, não me compete. Se for casado, só evito se

conhecer a outra pessoa para evitar fofocas. Também espero experienciar uma relação à três, com outro homem e uma mulher.

Espero que com o avanço da modernidade, nas próximas décadas, nossa sociedade já esteja mais aberta a descobrir, reconhecer, discutir e praticar novas formas de amar, de se relacionar, de se sociabilizar. Que na sexualidade nosso compromisso seja apenas com o prazer, bem estar, bem viver, livres dos padrões, “nojinhos” e principalmente do medo de ser diferente, de viver o novo, de experienciar para conhecer e saborear.

Que possamos normalizar nossas diferenças, desejos e experiências sem nos preocupar com a pressão cultural. Que as famílias possam se abrir para o diálogo e as escolas, palco das descobertas do corpo e dos desejos sexuais, possa assumir-se diversa e plural – pautando o seu currículo em uma educação para a sexualidade e diversidade humana.



Narrativa de Aurora



Ano de nascimento: 1980.
Idade que iniciou a vida sexual: 22 anos.
Identidade de gênero: mulher cisgênera.
Orientação sexual: heterossexual.

Contexto familiar: Sou a 3ª geração de mulheres na minha família que não se deixaram levar pelas regras impostas pela sociedade com relação à idade para casar. De família católica, a igreja sempre esteve presente em nossa rotina, mas nunca fui criada com essa imposição à castidade. Fui educada para ser protagonista da minha história.

O início da vida sexual: Com a separação dos meus pais na minha adolescência, cheguei a pensar em nunca casar, mas não em permanecer virgem. Aos 22 anos, estava em um namoro sério e decidi que havia chegado o momento. Tinha sentimento pelo rapaz, mas não estava apaixonada. Apesar de estar decidida, fiquei nervosa. O lugar era paradisíaco. Usamos preservativo. Doeu um pouco e sangrou uns dois dias. Algum tempo depois me desencantei. Já não correspondia ao sentimento do rapaz. Enquanto ele ficava cada dia mais apegado, eu já não queria continuar o relacionamento.

Não fui a primeira do meu grupo de amigas a “perder” a virgindade, mas também não fui a última. Vi algumas amigas sofrerem por terem se relacionado sexualmente com os rapazes e depois serem desprezadas por eles. Vi outras preocupadas por ainda não ter iniciado a vida sexual. Apesar do machismo ainda ser forte no início dos anos 2000, nosso grupo era bem à frente daquele período. Em casa não conversei nada. Embora eu tenha sido criada pra ser livre e feliz, não me senti tão à vontade pra falar a respeito com minha família.

Contexto social: Nas décadas de 1980 e 1990 o machismo era tão comum que passava despercebido. Mulheres divorciadas ou simplesmente separadas eram malvistas. Exigia-se que se mantivessem nos relacionamentos, ainda que infelizes. Nos anos 2000 uma nova visão dessa realidade passa a ser percebida e as meninas/jovens começam a se enxergar com mais autonomia. O machismo passa a ser combatido com mais veemência. Apesar de, atualmente, ainda termos muito tabu com relação à sexualidade feminina, o acesso às tecnologias tem ajudado a quebrar esse paradigma.



Narrativa de Minerva



Ano de nascimento e idade: 2001.

Idade que “perdeu” a virgindade: 13 anos.

Identidade de gênero: mulher cis.

Orientação sexual: Heterossexual.

Eu estava cursando o oitavo ano e minhas amigas já haviam beijado. Elas ficavam conversando entre si sobre esse assunto e de certa forma me excluía porque eu ainda não havia beijando. Perante isso, minha melhor amiga chegou em mim e falou: "olha, já tá bom de você perder esse bv (boca virgem), senão você só vai perder quando ficar mais velha". Essa falar dela mexeu comigo porque pensei: "se eu não ficar agora com ninguém, as meninas não vão me achar capaz de tá falando sobre esse assunto, por não ter experiência e vão me achar atrasada". Na época, eu não tinha interesse em nenhum menino e não pensava em estar beijando, mas devido essa fala da minha amiga, comecei a ficar preocupada com isso. A minha amiga, para me ajudar, foi falar com uns meninos para saber se eles queriam ficar comigo, a recusa de um dos meninos me deixou achando que eu era muito feia e que eu não iria ficar com ninguém. No entanto, essa minha dita amiga falou com o irmão dela para ficar comigo, só que esse menino já ficava com uma outra menina. Lembro que ela só veio me falar que o irmão dela queria ficar comigo na segunda aula do dia. Depois que ela falou fiquei nervosa, até porque seria o meu primeiro beijo e eu pensava que meu primeiro beijo seria com alguém que eu gostasse, porém, essa pressão me fez mudar de ideia. Quando deu o intervalo, pedimos para o coordenador da escola deixar eu e ela sair para ir na casa da minha irmã, mas era uma mentira, pois saímos para que eu ficasse com esse menino. Lembro que ao beijá-lo senti um gosto de álcool. Depois a irmã dele me contou que ele havia bebido. Depois disso, fomos à casa da minha irmã e na volta, quando íamos entrar na escola, passei por ele, que estava beijando a menina que ele já ficava. Ao ver essa cena, senti que o beijo que ocorreu entre ele e eu foi apenas mais um, porém, não fiquei decepcionada com isso, até porque eu nem gostava dele. Depois desse beijo, me senti mais incluída no meu grupo de amizade porque já poderia contar sobre a experiência de beijar, digamos, o "trocar figurinhas". Lembro que o beijo não foi ruim, mas foi estranho ter a língua de alguém que eu não me sentia atraída dentro de minha boca.

Nunca fui pertencente a alguma religião com firmeza, mas na época do meu primeiro beijo me considerava católica e esse fato não interviu na minha sexualidade, algo que interferiu foi ver minhas amigas já tendo essa experiência do beijo, ver elas conversando sobre isso e eu sem poder falar nada porque ainda não tinha beijado. Não comentava muito sobre a questão de beijar na boca com minha mãe, com meus irmãos ou meu pai, o que eu sabia sobre isso era decorrente dos relatos da minha irmã mais velha, das minhas amigas e colegas e do que eu via na televisão, em específico, nas novelas. Lembro que na minha escola o assunto do primeiro beijo não era muito explanado, mas tinha uma professora que reprimia as meninas por já estarem ficando.

Depois desse beijo notei que ele foi um erro, que eu deveria ter esperado o meu momento para fazer isso e esse fato me fez perceber que não deveria fazer o mesmo com a minha primeira relação sexual, sendo que esse beijo me fez perceber a sexualidade de outra forma, que ninguém precisa seguir um padrão para se ter sua primeira vez, porque cada pessoa tem o seu momento para isso. Esse beijo me deixou mais confiante para falar mais com minha mãe e minha irmã sobre a sexualidade, para trocarmos relatos sobre esses fatos, porém não falei para elas que já havia beijado. E em relação às minhas amigas, a perda do meu bv foi comemorada por elas.

Há muitas cobranças sociais para que meninas sigam, sendo para as mulheres uma idade "certa" para beijar, para namorar e para transar e essas cobranças não havia tanto assim para os meninos. Lembro que havia um menino da minha sala na época do meu primeiro beijo e ele ainda não havia beijado. Lembro que não havia tantas pressões dos seus amigos com ele. E eu percebi que eu não precisava seguir os padrões que a sociedade esperava de uma menina da minha idade, eu poderia beijar, mas não poderia ficar com vários meninos, porque isso não era coisa de uma menina "decente", enquanto os meninos poderiam ficar com várias meninas e eram considerados "namoradores".

Essa questão de não falar sobre a sexualidade para meninas por achar que ao saber disso elas vão ficar menos decentes, mexe com a forma que cada menina vê a sua sexualidade, que acaba sendo desconhecida por muitas por falta de informação. Essa questão da sexualidade da mulher ser muito desconhecida afeta a forma como elas vão lidar com o seu corpo, com o que espera do seu primeiro beijo e da sua primeira vez.

Sou uma pessoa otimista e acho que apesar da sociedade ainda prezar muito por não comentar sobre a sexualidade, venho a pensar que a próxima geração poderá ter mais conhecimento sobre sexualidade do que eu, que as pessoas precisam desse conhecimento

básico sobre a sexualidade para ter mais acompanhamento dessa fase de mudança que ocorre. Nós mulheres precisamos saber mais sobre o nosso corpo, sobre o primeiro beijo e principalmente sobre sexo.



Narrativa de Libélula

Ano de nascimento: 1973.
Idade que iniciou a vida sexual: 15 anos.
Identidade de gênero: homem cisgênero.
Orientação sexual: homossexual.



Contexto familiar

Sou o segundo filho mais velho de sete filhos gerados pelos meus pais. Em minha casa: cinco filhas e dois filhos. O neto mais velho, homem, dos meus avós paternos. Muitas expectativas, muitos sonhos e cobranças. Toda a ganância da sociedade patriarcal e heteronormativa sobre mim. Desde a primeira infância que meus traços já se diferenciavam dos padrões estabelecidos como comportamentos machos, de homem. Meu pai, rude, impunha ações para que o meu corpo criasse marra: ser mecânico, ser auxiliar de carpinteiro, limpar o mato do quintal de casa, ajudar nas construções. Ele queria moldar meu corpo e atitudes com trabalhos mais severos. De nada adiantava, cada vez mais me identificava com a escrita, com a leitura, com a Igreja Católica, com os trabalhos de arte. Não sei se era refúgio ou se aquilo tudo purgava minhas dores. Na adolescência, tantas cobranças que repercutiram em minha fala: contrai uma gagueira absurda. Meu pai alcoólatra sempre ameaçava largar a minha mãe, dizia que levaria todos os filhos, menos eu. Eu era filho só de minha mãe. Ouvi isso muitas vezes e todas as vezes soava como chibatadas em minhas carnes. Cortava meu corpo e minha alma. Eu me punia e me agredia porque sabia que aquelas palavras doíam em minha mãe. Houve um período em que ele chegava, colocava dinheiro em minha mão e me obrigava a ir para o Alto do Louvor à procura de mulher, satisfazer os meus desejos. Saía de casa, ficava horas longe, no outro dia tinha que inventar mentiras absurdas para satisfazer o ego do meu pai.

Início da vida sexual

Aos quinze anos eu me perdia em pensamentos. Tinha as brincadeiras de rua e as descobertas. Meus amigos eram héteros, mas a gente tinha brincadeiras esquisitas: quem ficava com ereção mais tempo, concurso de masturbação, quem gozava mais rápido, quem

tinha mais esperma. Também tinha os encontros às escondidas: as sarradas, os beijos na boca, as chupadas de língua, o sexo oral, as gozadas nas pernas. Mas tudo era de igual para igual. Eu era o mais novo da turma, meus amigos se admiravam com o volume do meu pênis. Nessa época, eu também namorava com meninas.

Foi no dia do casamento do meu tio, em um sítio. Eu conheci uma mulher mais velha, a gente ficou junto e lá entre os carros, ela me ensinou as proezas do encanto do corpo. Não sei bem como descrever, sei que foi estranho. Eu me senti invadido. Não tinha a doçura ou o encantamento do ato ou do corpo dos meus amigos.

A gente se encontrou outras vezes, mas não tinha sentido para mim. O meu pensamento estava a léguas de distância. Aos dezesseis anos eu me apaixonei perdidamente por um homem mais velho. A gente se conheceu em uma oficina de teatro, ele me encheu de galanteios, a gente se envolveu, mas eu não me permiti ir aos finalmentes do sexo. A piedade cristã ou os tabus religiosos me impediram de avançar o sinal.

Por muitos anos eu vivi essas loucuras e incertezas do que eu sentia ou queria para mim. Era dolorido, complexo, vexatório. Não me entregava ao que sentia, ao mesmo tempo em que vivia o que não sentia plenamente.

Precisava fugir de mim. Foi quando eu entrei para o seminário e fui viver outra realidade longe de minha família e amigos mais próximos.

Nessa ida para o seminário, eu me reencontrei com um velho amigo. A gente sempre foi muito próximo. Eu chegando no seminário e ele saindo. Tempos depois, ele estava morando em Natal, era ativista GLS, isso no início dos anos 90, tinha um companheiro e moravam juntos. Nas férias, passei a ir para Natal e ter contato com ele e o companheiro. Nossa, eu me sentia em casa, eles me apresentaram o movimento, as lutas, eu me realizava com tudo aquilo.

No réveillon de 1996 marquei de ir passar com eles em Natal. Eu vim do Recife e para minha surpresa, quando cheguei, só estava o companheiro do meu amigo em casa e ele estava em Mossoró. Eu agi normalmente, tinha intimidade para isso. Mais tarde, já para dormir, percebi certa inquietação do companheiro do meu amigo. Vi que ele estava excitado, fazia questão de me mostrar. Eu tinha 23 anos, tinha meus envolvimento afetivos com homens, mas nunca tinha feito sexo anal por tabus religiosos. Fui dormir, desconversei e passei uma das piores noites de minha vida. Não conseguia dormir com receio. Senti que ele me tocava, alisava meu corpo, mas não fiz qualquer sinal de recíproca.

No outro dia pela manhã, ele tocou no assunto, eu desconversei. Mas, depois do almoço, meu pânico não teve mais sossego. Ninguém acredita, mas foi uma coisa pavorosa. Eu estava deitado na cama, ele chegou, deitou, foi me envolvendo, eu resisti o quanto pude, quando não tinha mais força, uma dor enorme e latente. Ele me invadiu sem pena e sem dor. Ficou sobre o meu corpo e um membro enorme a me rasgar por completo. Eu paralisado e aquele homem rosnando em cima de mim por uma eternidade. Foi a pior e mais dolorosa situação de minha vida. Quando ele satisfez os seus instintos mais animais, queria que eu repetisse com ele. Eu não tinha ereção, não tinha reação, apenas nojo de mim e daquele ser que eu tinha tanta admiração. Fui para o banheiro e fiquei por longo tempo passando sabão no corpo e esperando que a água levasse aquele cheiro de nojo de mim. Estava com o corpo e com a alma com febre. Não conseguia me olhar no espelho. Saí de casa e passei a caminhar sem direção. Cheguei em casa já escuro, não tive coragem de dizer nada. Não quis festejar a virada do ano e logo cedo parti sem me despedir.

Eu me abri com uma amiga. Foi meu segundo erro. Ela escreveu uma carta para meu amigo e contou de acordo com a impressão dela. Perdi a virgindade, perdi o amigo e a confiança nas pessoas. Ainda não tenho uma reação confortável com meu corpo quando o assunto é ser penetrado, nem admito que ninguém invada a minha privacidade.

Contexto social

Os anos 90 foi de muita efervescência: os resquícios da peste negra, o movimento LGBT criando corpo, as cores do arco-íris e da ousadia ocupando os espaços e muitos guetos surgindo nos quatro cantos do mundo. A liberdade tomava de conta da gente, mas as raízes da criação ainda tomavam a maior parte do nosso corpo. A gente se permitia, mas a criação heteronormativa fazia com que a gente assumisse papéis impostos: isso pode, isso não pode. Poderíamos ser "entendidos", "gays", mas bicha, veado, afeminada, isso não. Corríamos léguas desses rótulos, daí a questão dos termos de ser passivo ou ativo. Ser passivo era uma afronta, era assumir a condição de feminino, de frágil, de saco de pancada. Somente de posse das leituras, das discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual que certas posturas foram sendo ressignificadas. Somente com a autoafirmação dos desejos e dos sentimentos que esses tabus vão sendo desconstruídos e que a sexualidade vai aflorando sem receios, frustrações ou limitações. O problema é que há coisas que ficam inscritas nas nossas subjetividades e que não se apagam ou se curam. Sempre vêm à tona e provocam avalanche em nossa calmaria.

Atualidade

Hoje tenho um companheiro, a gente se resolve todos os dias e experimenta a vida sem limitações. As dores são massageadas com afeto e benevolência, muitas vezes com diálogos e respeitando os limites do outro. Porque tudo vale à pena, é uma questão de entrega e superação dos fatos acontecidos sem o nosso consentimento.

Ser *gay* não é fácil. Ser homossexual não é fácil. A gente se tornou estigma e motivo de escárnio nessa sociedade fascista e pseudomoralista.

Não sou virgem, sou libélula! Saio voando em busca do meu prazer. Bato as asas e pouso sem medo das frustrações e de ser feliz. Como é que é? Vamos fazer como hoje? Como é melhor para nós dois? A gente vive para a satisfação e não podemos reproduzir as relações heteronormativas que apenas um goza, isso não. O prazer é conjunto, cúmplice, de interação.

A gente vive o hoje na perspectiva de superar o que doeu ontem, do que não foi prazeroso e assim chegar ao clímax da existência da orientação sexual e identidade de gênero.



Narrativa de Circe

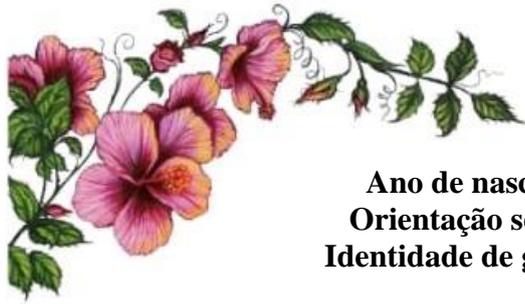


Ano de nascimento: 1980.
Idade em que perdeu a virgindade: 17 anos.
Identidade de gênero: mulher cis.
Orientação sexual: heterossexual.

Casei aos 17 anos de idade e na noite do meu casamento, perdi minha virgindade. Casei com um homem 09 anos mais velho do que eu e foi uma experiência ruim, pois vim de cidade de interior, não tinha conhecimento sobre intimidade. E para mim, quando ele começou a tirar a roupa e vir para cima de mim, me senti violada. Foi uma das piores experiências da minha vida e só consegui ter um orgasmo depois de quase dez anos de casados.

Acredito que esse tabu deve ser quebrado para as mulheres decidirem sobre o que elas realmente desejam e com quem querem escolher estar em sua primeira vez. Graças a Deus que as escolas já conscientizam e esclarecem sobre tudo.

E vivemos em uma sociedade ainda preconceituosa e machista, que deve sim rever as versões tradicionais contadas e redigidas de estereótipos. Levantar a bandeira mesmo. O corpo é meu...eu sou dona dele, portanto, eu escolho me respeitar e o que quero fazer com ele.



Narrativa de Amanda

Ano de nascimento: 1991.
Orientação sexual: bissexual.
Identidade de gênero: mulhercis.



Eu perdi com os dedos mesmo. Não queria dar o gosto de virar fofoca não. E quando fiquei com um homem mesmo, ele achou que eu já tinha tido outras relações por já conhecer meu corpo. Eu sou BI. O rapaz tinha uma namorada e confirmei conhecendo ela, porque eu não queria ele atrás de mim ou eu atrás dele. E ele não poderia contar vantagem já que se alguém soubesse, poderia contar pranamorada dele. Acho q fui bem fria em relação a essa escolha de quem seria. Meu sonho era ficar com meu primo, o qual amei desde os 07 anos, então ele me traiu com uma outra prima, aos meus 14 anos. E eu queria perder com ele, casar com ele. Conversei com minha professora de Biologia, aos 14 anos, e perguntei se era errado por o dedo, se eu tinha que esperar alguma coisa ou a pessoa certa. Ela disse que toda a mulher tem que por o dedo, é saudável e bom pra saber quando está doente também, porque sabe onde dói ou não. Me falou assim... “Num pacote de camisinha vem 03 unidades, sabe pra quê?”. Não, óbvio. “Sexo oral, vaginal e anal. Se ele falar q não quer, não dê. Dê pra quem vai querer te preservar também”. Comecei a por os dedos com quase quinze, perdi de fato com 16, usamos preservativo e foi uma relação com penetração, não teve oral de nenhuma das partes. Porém, ele tinha uma pegada envolvente e ele beijava em pontos que me arrepiava, como orelhas, nuca. Eu fiquei em cima. Pra eu saber que tava com camisinha, eu mesma levei. Ele me ajudou a por, porque eu não sabia. Ouvi muito minha professora dizer que uma gota destrói uma vida eleveia sério. Não deixei ele nem rasgar o envelope da camisinha. Eu coloquei. Fomos devagar e foi bom. Depois levantei, tomei banho e fui embora, sem promessas, sem juras de amor, sem nada, fria e seca. Eu gostei. Tenho orgulho, porque fiz como os homens faziam com minhas amigas. Foi a melhor virgindade que ele tirou, pq EUUUU sabia me dar prazer. Eu usei alguém para o meu bem, igual faziam com minhas melhores amigas e fiquei bem, foi algo meu e não falei pra ninguém. Porque não foi romântico, era pequeno e ainda não sabia fazer. Assistia tanto pornô que achavam q era “pá pá pá”, sem carinho, sem conversa. Quando eu chegava nessas meninas e eu conversava, elas tinham vontade de apagar, voltar no tempo e deletar. Eu vinguei com toda a classe. E nunca disse a elas porque fazia parte do meu trato, sem

laços, acabou e nunca mais. Fiz isso por muito tempo, acabava na hora e sem despedidas, sem nomes. Até que um dia o menino que fiquei ia ser meu professor do cursinho e virou uma piada para nós, mas essa é outra história... kkkkk... Eu era o típico homem galinha e safado. E conheci homens tão carinhosos... “Você está bem? Gostou? Tá bom assim? Tá doendo? Eu quero de novo. Você também vai querer?”. E eu saía sem nem olhar pra trás. Pode usar o nome Amanda, porque era meu nome quando eu aprontava essas. Era a minha identidade. Eu tive um namorado que com o tempo me agredia e eu passei a ter medo dele. Um dia estava numa festa com ele e fui ao banheiro. E uma morena linda, cacheada, tava chorando. Cheguei perto pra ver como ela estava, se estava passando mal, ela disse que seu namorado a traiu enquanto ela ia ao banheiro. E me beijou. Eu jávia animes assim, de relações entre pessoas do mesmo sexo, ou mulheres ou homens, e gostava muito. Só não havia beijado. E ardeu todo o meu corpo. E eu descobri ali que posso ser feliz com qualquer pessoa, independente de gênero. E por pior que seja a narrativa, foi lindo aquele momento. Hoje não sei com quantos homens transei ao certo, se menos de ou mais de, por eu ter esse ponto de vista aí. A mulher é dona dela, ela decide como quer e com quem quer. Ela deveria sempre decidir. Engraçado foi eu levar uma menina pra minha mãe conhecer como minha namorada e ela chorar na frente da menina, enquanto perguntava se a menina queria um café. Minha mãe pediu ajuda pra um grande amigo meu, pra pôr minha cabeça no lugar, enquanto ele queria pegar eu e minha namorada. Ela acha que meu marido me consertou, apertou meus parafusos, como diz ela. E eu fui Clara pra meu marido: “Estou com você, sou fiel ao nosso relacionamento, eu sou bi, gosto de pessoas e se um dia a gente se deixar, eu posso arrumar uma nova madrasta para meus filhos e não um padrasto”. E ele não entende muito, mas não faz perguntas que não quer saber a resposta. Eu sou dona de mim mesma, casada, o corpo é meu, os desejos são meus. Eu assisto meus animes hentai e ele os pornôs dele, só que ele diz que não, mas assiste. O meu jeito já instigou gente a abusar de mim. E falei pra meu marido, quando eu falo não, é NÃO. E tenho várias conversas dessas, tento explicar que, mesmo casada, quando a mulher não quer e o homem força é violência. E como já passei por isso, ele tenta entender e aprender. Eu tenho 02 filhos do sexo masculino e me perguntam assim, o povo da rua, né: “E será q vai te dar bem com tuas noras?”. Quem disse que vai ser nora? Pode ser genro. Eu só quero que meus filhos sejam felizes e a decisão é deles. Eu vou ser a pessoa que apoia e chora junto. Quero ser diferente de meus pais. Queria que as pessoas fossem melhores, mas como não são, vou criar meus filhos para serem melhores. Pra um homem, ele é o gostoso e a mulher é puta.

Para alguns, eu não sou bi por ser casada, nenhum hetero se assume. Não vou me explicar em cada canto porque eu sou (bi), eu nasci assim e me descobri assim. Descobri que as pessoas podem sair de relacionamentos tóxicos e quando descobrem que tem um mundo de possibilidades para serem felizes, é só ir atrás.



Narrativa de Atena



Ano de nascimento: 1978.
Idade que iniciou a vida sexual: 27 anos.
Identidade de gênero: mulher cisgênera.
Orientação sexual: heterossexual.

Contexto familiar: a única filha mulher, a caçula e criada em uma família tradicional e católica. Educada por minha mãe, fervorosa cristã que enfatizou desde cedo a importância da fé e de guardar a castidade. Sempre fui uma criança tímida e cheia de pudores com relação ao meu corpo, mas sem dúvidas quanto a minha orientação sexual hétero. O primeiro beijo foi por volta dos catorze anos de idade, mas não gostava do rapaz. Talvez por influência da minha educação e dos princípios religiosos apreendidos, tinha o sonho de casar na igreja e virgem.

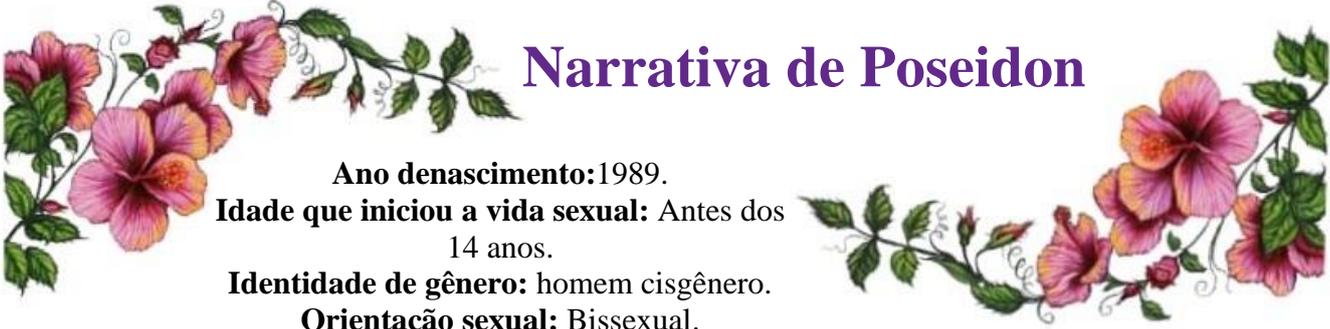
O início da vida sexual: Com o processo de amadurecimento intelectual e das relações sociais, percebi que a “perda” da virgindade era um tabu na sociedade, mas, que era uma decisão pessoal e particular da mulher. Me relacionei com alguns homens, mas mantinha a convicção de que a relação sexual deveria ocorrer atrelada a algum tipo de envolvimento afetivo, emocional. Somente aos 27 anos de idade, já segura e ciente das implicações do ato em si, tive minha primeira relação sexual com um namorado, por quem eu estava apaixonada. Foi uma decisão pessoal, pois não queria transar somente por imposição ou aceitação social. Naquela altura da minha vida, eu estava completamente ciente de que eu queria iniciar minha vida sexual, mas de forma responsável, segura e com uma pessoa com a qual eu me identificasse/relacionasse e pudesse me entregar sem medos, restrições e traumas. Havia dentro de mim um senso de autorrespeito para com o meu corpo e com a minha consciência. Confesso que a primeira vez tão romantizada e alardeada nas mídias de comunicação e nas rodas de conversas não foi prazerosa. Não senti dor, porém, senti desconforto físico. Aquele momento foi revestido de ansiedade, nervosismo e apreensões. O ato sexual ocorreu com o uso de preservativo. E como não ocorreu sangramento após a ruptura do hímen, enfrentei outro tabu social: meu namorado levantou a hipótese de eu estar

mentindo para ele, ao afirmar que era virgem. Contra mim, havia dois indícios: a idade tardia para o início da vida sexual somado ao não sangramento, o fez acreditar que eu já tivesse tido outros parceiros sexuais. Naquela sociedade de 20 anos atrás, ainda imperava alguns padrões frutos do pensamento patriarcal dominante, o qual era transmitido aos filhos homens, de geração em geração. Exemplo desse comportamento machista: o fator virgindade era um determinante para a escolha de uma mulher para casar e constituir uma família; a mulher que não era mais virgem ou que tinha mais de um parceiro não era bem vista; não era reconhecida como uma mulher decente pelos grupos familiares e sociais ou no ambiente da igreja, etc.

Contexto social: Tivemos alguns avanços sobre o tema sexualidade nos últimos anos, talvez por força da maior inserção da mulher no mercado de trabalho: o aumento dos debates no ambiente acadêmico; a popularização do uso da *internet* e de outras mídias sociais, entre outros fatores, impulsionaram a evolução da educação sexual. Na minha adolescência não tive qualquer tipo de orientação, nem no âmbito da família e nem da escola. Do pouco que li, foi na *internet* ou em conversas informais com amigas. A vida transcorreu normalmente, no pós perda de virgindade. Como tempo, ganhei experiência, e muitas apreensões e medos foram sanados. Porém, esse acontecimento natural e social na vida de qualquer mulher, no meu caso, teve que ficar escondido, para evitar o surgimento de conflitos junto à minha família, sobretudo em relação a minha mãe, que por convicção religiosa ou da educação repressora, não aceitava que a “perda” da virgindade pudesse ocorrer fora do leito matrimonial. Na verdade, sempre me senti discriminada, por ser virgem. Não participava das rodinhas da faculdade ou das conversas apimentadas entre as amigas. Por outro lado, foi uma escolha minha, baseado no meu momento, nas minhas verdades e convicções, sem interferência de terceiros sobre a decisão de postergar o início da vida sexual. Acho que é uma questão de liberdade e de independência em relação ao seu próprio corpo. A virgindade do ponto de vista biológico refere-se a uma membrana que reveste a entrada da vagina. Quanto ao aspecto social, é uma coisa física que envolve não apenas fatores como idade e libido, mas também envolve emoções, aspectos psicológicos e a própria liberdade de escolha da mulher, quanto ao seu prazer, ao seu bem-estar.

Atualidade: Eu nasci numa década em que a virgindade era encarada como algo sagrado. Para os padrões culturais, a mulher que tinha uma relação sexual fora do matrimônio era

menosprezada e julgada sem piedade. Como se falava, a moça que “perdia a virgindade” ficava mal falada e não encontraria um casamento. Os homens priorizavam as virgens. A mulher do século XXI conseguiu romper alguns paradigmas e padrões patriarcais, como concluir uma graduação; tornar-se uma profissional e cumprir o sagrado papel de esposa e da maternidade. Em minha opinião, o tema virgindade passou a ser banalizado. Hoje, há uma imposição para que a jovem/adolescente inicie a sua vida sexual o mais precocemente possível, como fator de aceitação pelos diversos grupos sociais. Esse fato acaba por trazer uma série de malefícios para a vida dessa mulher: alto índice de gravidez na adolescência; abandono dos estudos, condenando na maioria dos casos, essa jovem ao analfabetismo, à prostituição e à marginalização, comprometendo o alcance dos seus objetivos pessoais e profissionais. Sem falar que a “perda” da virgindade é uma decisão íntima da mulher, que deve ser tomada com convicção e maturidade. A mulher moderna deve ser a protagonista da sua própria história, enquanto ser social, zelando por sua saúde física e mental e acima de tudo, conquistar o respeito por parte da sociedade, sem sofrer quaisquer formas de discriminação ou preconceito.



Narrativa de Poseidon

Ano de nascimento: 1989.

Idade que iniciou a vida sexual: Antes dos 14 anos.

Identidade de gênero: homem cisgênero.

Orientação sexual: Bissexual.

Contexto familiar: Filho mais velho entre 03 irmãos (uma irmã e um irmão), família cristã conservadora, embora não muito praticante. Família com pensamento “padrão” de uma cidade de médio porte, mas com aquela mentalidade de vilarejo isolado, sem acesso à informação e onde a sexualidade não é falada, conversada. Meninos falam com os pais, meninas com as mães. Herança passada por gerações e fortalecida pela cultura local.

O início da vida sexual: As primeiras memórias de contato sexual é um tanto bizarra, são algumas memórias de situações diferentes, em diferentes períodos. Uma das mais marcantes e até engraçadas é de quando minha tia flagra eu e minha prima, quando tinham os aproximadamente 08 anos e estávamos pegando um no órgão sexual do outro, em uma sala de jantar que não era muito usada na casa da minha avó. Lembro que minha tia gritou muito alto, chamando também por minha mãe e logo apareceram várias pessoas. Não havia malícia, mas uma curiosidade de ambos em entender o motivo de um ser tão diferente do outro.

Não me recordo bem da idade, mas talvez tivesse a mesma faixa etária, quando algo bem desagradável aconteceu. Um dos meus primos que é 07 anos mais velho (irmão da prima do episódio contado no primeiro parágrafo), exibia o seu pênis para mim e outros vizinhos enquanto estávamos sentados na calçada da casa da minha avó, mas a sua exibição era mais direcionada para mim, talvez por eu ser mais novo, mais quieto. Lembro que um dos nossos tios flagrou uma dessas vezes e o repreendeu, mas não passou muito disso.

Lembro que o meu primo exibia seu pênis e tentava puxar minha mão para me forçar a pegar, eu tentava sair e ele insistia. Uma das recordações que tenho é que esse meu primo pediu a minha mãe para que eu o acompanhasse até a casa de um amigo dele, que ficava na mesma rua da casa dos meus avós, pois ele iria trocar ou pegar umas fitas cassetes com esse

rapaz. Eu lembro de chegar na porta da casa desse amigo do meu primo, mas nada além disso. Como meu primo já tinha esse “hábito abusivo”, até hoje me questiono se algo aconteceu, pois me lembro de muitos detalhes até chegar a casa do tal rapaz, mas nada além disso. Nunca contei para nenhum dos familiares, pois naquela época não havia abertura para falar de abusos, pedofilia e qualquer coisa fora do padrão era tabu.

Meus avós sempre foram muito acolhedores, a casa deles foi uma das primeiras da rua. Tinha décadas. Uma casa de quintal enorme, espaço aconchegante. Então era comum a casar ficar cheia, seja por vizinhas que iam pedir alguma fruta do quintal ou familiares.

Na mesma casa, alguns anos depois eu me lembro que comecei a ter contato mais íntimo com um amigo, filho da vizinha. A gente fingia que ia brincar de alguma coisa para nossas mães ficarem tranquilas e brincávamos pegando no pênis um do outro, roçando um no outro, um contato bem intenso. E algo semelhante aconteceu algumas vezes com vizinhos da minha casa, quando meus pais saíam e levavam o meu irmão. Um dos meus vizinhos ficava esperando os pais saírem, então ele chamava na porta. Quando dava tempo ele saía pela porta também, mas quando meus pais chegava me ele ainda estava comigo, ele saía pelo quintal. Esse vizinho tinha vários irmãos e os pais os criavam meio soltos, não tinham tanto cuidado. Se com meus pais os cuidados eram em excesso, com ele e os irmãos existia uma certa ausência.

A minha prima da história contada no primeiro parágrafo ia passar alguns dias com minha família quando ela estava de férias ou nos finais de semana. Vez ou outra isso acontecia. Em uma das vezes, ela foi e eu tinha por volta de 12 a 14 anos. Lembro que ela escondeu alguns brinquedos do meu irmão (04 anos mais novo que eu) de baixo de sua roupa, como nos peitos e vagina, e pedia para procurarmos. Quando eu estava sozinho com ela, lembro que ela me masturbava. Era algo prazeroso, mas tenso.

Por eu ser mais quieto, observador e só me abrir mais com quem tenho mais afinidade, meus pais pensavam que eu não tinha vida sexual ou nunca havia me relacionado e por não seguir um padrão de menino afoito, não gostar de futebol, inclusive durante várias vezes fiquei afastado do convívio de outras crianças por motivo de saúde como asma etc... criou-se a imagem de que eu não era o suficiente másculo. Então tiveram a “ideia” de me fazer ir em um cabaré em eu pai quem iria me deixar. Na primeira tentativa eu furei o pneu da moto do meu pai, então ganhei tempo. Mas da segunda vez não tive muita saída. Fui obrigado a ir. Foi uma situação em que dentro de um quarto, transei com uma mulher que eu não conhecia, não sentia atração, nem tinha vontade. Me senti mais uma vez violentado.

Não consegui fazer direito, não tinha vontade, nem tesão nem nada. Mas para sair logo dali eu tentei. Desse dia em diante eu criei um nojo do meu pai, minha mãe foi a parte passiva da história, não se pronunciava muito, pois meu pai exercia um papel muito dominante. Para mim ficou a impressão de que se eles não tiveram calma nem o respeito para esperar minha hora, eles também não teriam o gosto de saber mais da minha vida. Então, basicamente passei a não contar nada da minha vida emocional. As roupas que usei no cabaré, as joguei fora, pois elas me lembravam daquele dia em que senti muito nojo. Essa experiência aconteceu quando eu tinha aproximadamente 15 anos.

Quando eu tinha cerca de 16 anos comecei a namorar uma menina do ensino médio, passamos cerca de 02 anos. Namorávamos na escola e quando eu ficava só em casa, ficávamos juntos. No início eram só mais carinho, conversas, beijos... Mas com o passar do tempo, começamos a transar. Embora eu gostasse muito dela, terminamos. Em parte ela pressionou a termos algo mais sério e eu não sabia lidar com aquilo, meio que me assustou. Ela e minha mãe tinham uma amiga em comum, ela pegou amizade com minha mãe e passou a frequentar minha casa, mesmo quando não ficávamos. Por eu ter esse bloqueio familiar, me senti desconfortável em manter o relacionamento. E a outra parte é que a família dela também era conservadora e queria que a filha conseguisse um namorado que virasse marido. Terminamos, mas vez ou outra nos falávamos ou eu ficava sabendo dela pela amiga que tínhamos em comum. Lembro que ela começou a cursar faculdade, mas depois teve que desistir pois se casou e o marido não gostava muito da ideia.

Contexto social: Passei por alguns períodos, em décadas diferentes, em que minha sexualidade foi reprimida, impedida de se desenvolver com naturalidade. No ensino médio já me apaixonei por meninos também e senti que era correspondido, mas o medo de julgamento, o medo pela nossa segurança, impedia que qualquer coisa acontecesse. A minha sexualidade, assim como a de muitas pessoas da mesma época, foi se desenvolvendo de maneira reprimida, sufocada, através de meios como vídeos pornográficos, seja pelo antigo hábito de assistir fitas vhs com os amigos e ficar comentando depois, seja pela *internet* que começava a se popularizar ou até mesmo outros meios.

Atualidade: Podemos dizer que tivemos evoluções sociais, mas também acho que é muito relativo. Olhamos ao nosso redor e parcialmente há alguma mudança significativa. Mas as vítimas continuam sendo tratadas como culpadas. Os problemas continuam sendo

ignorados. É verdade que temos mais acesso à informação, o que em teoria deveria abrir caminho para o conhecimento, mas os seres humanos continuam sendo os seres humanos. Na maioria das vezes, os homens continuam não falando de seus sentimentos, a mulher ou a feminilidade continua sendo considerada como algo inferior. O preconceito continua sendo alimentado pelos lados mais improváveis.

Ao explorar minha sexualidade, me descobri bi. Mas sempre com uma insegurança, um questionamento. Sou bi por ter vivido experiências forçadas com o mesmo sexo e isso “atrapalhou minha heterossexualidade”? Ou sou bi por ter nascido assim? Nessa aventura de me descobrir e ao mundo em meu entorno, percebi que tanto os héteros quanto os homossexuais não aceitam muito bem os bissexuais. Pessoas bi são acusadas de indecisas, de que nossa sexualidade é apenas uma transição, de que vai passar, de que estamos no armário. Muitos gays olham com um olhar de inveja por eles serem naturalmente mais femininos, enquanto outras pessoas são mais másculas. Mas tento não olhar com um olhar de raiva, entendo que a raiva nos cega e alimenta o preconceito. Eu observo que a sociedade hipervaloriza as qualidades másculas e menospreza a feminilidade. É um problema muito mais complexo.

Sinto também uma grande falta de representatividade, se os *gays* já não têm tanto espaço, os bi menos ainda. Em um filme, série, ou até mesmo novela, tem a prevalência hétero e quando há a inclusão de alguém além do padrão, é um *gay* mais caricato, personagem pouco trabalhado, sem profundidade, cheios de clichê.

Por existir tantas barreiras, sempre fui explorando minha sexualidade de maneira muito discreta. Gostaria de ter conta do para todas as meninas com quem fiquei que sou bi, mas tenho certeza que uma minoria iria compreender. Me incomoda o fato de ter que ficar explicando algo íntimo que, ao meu entendimento, deveria ser respeitado logo de cara e pronto.

Por fim, escolhi o deus grego Poseidon, deus dos mares. Por me lembrar a água e a sua volatilidade, sua capacidade de mudar de forma.

Narrativa de Janus



Ano de Nascimento: 1997.
Idade Que Iniciou A Vida Sexual: 16 anos.
Identidade de Gênero: Mulher Cisgênera.
Orientação Sexual: Bissexual.



Contexto Familiar

A última de quatro filhos. Depois que meu pai se separou, já tendo dois filhos (um homem e uma mulher), ele se casou com a minha mãe. Desse casamento, tem meu irmão e eu. Todos somos cisgêneros, mas não fui criada apenas por meus pais. Há interferência da minha avó materna, pois eu e meu irmão (de pai e mãe) crescemos na casa dela. Católicos, fui forçada à catequese. Nunca houve, diretamente, o conselho de guardar a virgindade. Nunca sequer teve a fala sobre menstruação. Perguntei pouquíssimas coisas a minha mãe, que pouco respondia. Apesar de tudo isso, fui conhecendo várias coisas nas aulas e conversas com amigas, que viviam quase a mesma coisa que eu em suas casas. Meus pudores, medos, avanços no conhecimento se davam pela minha curiosidade. Procurei, pesquisei muitas coisas. Os estigmas da vida foram sendo criados por situações que eu me colocava. Família conservadora, com quem eu convivia, mal existia fala sobre a vida sexual. Até o dia que eu apresentei meu primeiro namorado sério (apresentar à família, fazer parte do meu círculo social), com o qual eu perdi minha virgindade. Eles não tinham muita noção de quem e do que eu poderia conseguir (Sexualmente falando).

O Início da Vida Sexual

A vida sexual, supõe-se, que começa quando há penetração e o hímen se rompe. No entanto, a masturbação é presente em minha vida muito antes do meu primeiro parceiro sexual. Não tenho uma ideia muito clara de quando comecei a me satisfazer, mas lembro que eram horas investidas em banhos. Entendendo o que significava o prazer, eu me apaixonei pela ideia de sentir isso com outra pessoa.

Nunca fui considerada sexualmente atraente. Não me valorizei antes dos 15 anos. Sempre tive a autoestima baixa, pois sempre fui gorda e baixinha. Nunca tinha me dado o valor que merecia, mas lembro de começar a perceber que muitos homens me olhavam e só

então notar que eu precisava me olhar também (Entendo, hoje, como assédio e beirando o olhar da pedofilia). Das roupas do dia a dia ao fardamento escolar, comecei a optar por roupas que valorizassem as curvas que eu tinha. Isso mudou até mesmo a perspectiva da minha mãe, me ajudando a comprar roupas melhores e mais ajustadas ao meu corpo.

Graças a minha nova ideia de corpo e de mente, busquei me entender até mesmo com o ideal de beleza que eu traçava e achava atraente. Homens mais parecidos comigo, com estilos que eu realmente achasse legal, pois antes eu era iludida com o padrão traçado pela sociedade (magros, “descolados”, “populares”, brancos, olhos claros). Quando comecei a me valorizar, tomei iniciativas que antes não pensaria em fazer. Fiquei mais “chata” do que o normal. Limitava brincadeiras, dizia o que não queria ouvir, me afastei de quem eu considerava “palha” (fofoqueiros, metidos, populares, padrãozinho). Hoje vejo que isso se conquista na idade que estou, logo me sinto feliz em perceber que tomei as iniciativas certas bem cedo.

Depois de perder a virgindade da minha boca com um cara bem mais velho, notei que meu interesse estava em pessoas de faixa etária maior que a minha. Nunca entendi isso, mas vem desde a infância. Beije pela primeira vez um conhecido de conhecidos. Foi meu primeiro namorado, mas sem muita relevância, não me estimulava a querer o que eu já tinha sozinha: prazer. Apesar de não ter tido nada além dos beijos, foi com ele que senti a primeira ereção de um homem. Aquilo despertava em mim desejo, mas não confiava nele o suficiente para transarmos.

Pouco tempo depois, através de amigos, que conheci meu primeiro namorado sério. Lembro de ter me apaixonado por ele de cara, de ficar extasiada. O primeiro beijo rolou por iniciativa minha. Usei dos dotes culinários que minha prima tinha, fiz um doce, ele veio, dei o doce e ganhei um belo beijo de agradecimento. Lembro que nessa noite, fiquei repassando isso na minha mente. Ele era apaixonante. Fazia meu tipo em tudo. O jeito, o estilo, as músicas que ouvia, a “galera” que ele andava. Era o que eu queria.

Lembro de todas as datas comemorativas., mas levou quase 02 meses para termos nossa primeira noite juntos. Era ano novo. Não tinha ninguém em casa. Estávamos felizes. Eu vesti minha melhor calcinha, assim como usei meu melhor perfume. Ele vestia o presente que dei a ele dias antes. Estava cheiroso. No meio de um beijo quente, perguntei se ele queria entrar no meu quarto. Prontamente ele respondeu que sim. Nos deitamos na cama do meu irmão (Sim, eu dividia quarto com meu irmão mais velho). E continuamos a nos beijar; estava bom. Eu sentia ele pulsar. Mas algo me incomodava: o tamanho não era o que eu esperava.

Me repreendi, disse em pensamentos que ele poderia saber usar o que tinha. “Tamanho não é documento”, eu pensava. Eu perguntei se ele queria transar comigo; ele ficou bem nervoso, mas disse que sim. Fiquei feliz, mas acabei me decepcionando mais do que eu esperava, pois ele disse apenas: “se ajeite aí”. Senti o cheiro dele, que se misturava ao meu. Me deu mais estímulo. Mas não houve uma roupa tirada com carinho enquanto nos beijávamos; sequer teve ele tentando me ajudar com as roupas. Ele tirou a dele, eu tirei a minha, e ele logo deitou em cima de mim, me penetrando de uma vez.

Não foi gostoso. Não foi sequer tão sentido assim. Eu mal senti ele naquela noite. Meu pensamento sobre tamanho estava certo, mas não na parte dele saber usar. Novamente: não. Não faltou lubrificação. Eu estava pronta. Todas as vezes que eu pensava em perder a virgindade, eu dizia para mim: somente quando eu quiser e estiver bem com isso. E assim foi. Eu estava excitada, eu queria, mas ele em si não sabia agir. Mas a pior parte da noite foi ele brochar depois de algumas estocadas, que eu mal senti. Sendo que umas duas delas ele errou a entrada da minha intimidade. Quando ele não conseguiu ficar duro novamente, apenas disse que não dava. Nos vestimos e ele saiu do quarto amuado. Meu irmão chegou logo depois e eu lembro de ser grata por não termos “dado certo” naquela noite. Também lembro de ter dito a ele que isso era normal e teríamos outras vezes (Ninguém me ensinou a falar isso, eu sabia porque pesquisava sobre relações sexuais havia tempos).

Depois daquela noite, eu lembro de pensar que eu quem tomaria as rédeas das nossas transas. E assim fiz. Apesar de deixar ele dominar algumas vezes, sempre fiz questão de ficar por cima. Prezei pelo meu prazer, mas dando a ele o que ele sempre amou em mim: prazeres e orgasmos. É uma memória viva minha que ele não conseguia me dar orgasmos até nossa quinta transa, mas eu buscava sempre. Eu ensinei muitas coisas a ele. Como? Conhecia meu corpo. Pesquisava demais. Construímos uma relação sexual que a fala era presente, as posições eram testadas, mas acima de tudo, o prazer era o objetivo. Foi somente assim que conseguia meus orgasmos, com outra pessoa, tão sonhados.

Contexto Social

Após a perda da minha virgindade, senti que um peso havia saído de mim. Não foi a parte do “finalmente perdi isso!”, e sim a parte do “agora que sei como é, posso me revelar mais”. Eu comecei a ser mais aberta e falar com mais propriedade sobre meu corpo. Nunca neguei a ele que tenha sido ruim; não disse que foi, mas afirmei que deveríamos melhorar. A prática levaria a melhora. Perfeição seria muito difícil.

No entanto, para meu desespero posterior, eu havia transado sem camisinha. Não tínhamos naquele dia. E eu passei alguns meses sem menstruar. Não havia saída, a não ser falar a minha mãe. Ela não me bateu ou fez discurso, apenas me olhou desesperada e eu disse que não havíamos terminado o que começamos. Após isso, ela voltou a mexer no computador. Quebrou o silêncio apenas dizendo que se não déssemos um jeito, teríamos que contar ao meu pai. Dias a fio, começamos a preparar chás, remédios, simpatias, para que a minha menstruação descesse.

Nunca pensei que minha mãe me ajudaria a abortar, mas ela dizia que não era abortivo, era para limpar o útero (Não estou dizendo que foi um aborto, apenas fiquei chocada com ela tentando me ajudar nisso, levando em conta que ela era uma católica praticante, conservadora, criada por uma mulher machista). Também posso falar que minha irmã mais velha teve uma filha aos 17 anos; minha mãe não queria passar por isso. Ela sempre tinha o cuidado de fazer os chás e me dar remédios longe das vistas da minha avó (uma mulher que conhecia todo tipo de chá, logo não poderia ver os que eu tomava). Foram semanas, até finalmente eu menstruar e seguirmos nossas vidas. Até hoje eu não sei se abortei ou foi apenas menstruação atrasada por meus hormônios errados (coisa que descobri muitos anos depois, ao passar pelo mesmo perrengue, só que agora tendo que me consultar numa clínica e conferir meu útero). Apenas lembro que foi uma menstruação estranha, escura, despedaçada e com cólicas fortes. Fiquei grata por todos os chás e remédios que minha mãe me deu.

Atualidade

Desde a perda da minha virgindade até os dias atuais, vários tabus vêm sendo derrubados ou seguimos tentando colocá-los abaixo. Estigmas da menstruação e cólica; hímen e penetração; os vários tipos de sexo; posições. Tudo desse tema vem avançando. As escolas seguem despreparadas para oferecer aulas sobre sexualidade, mas já existem artigos e quem fale sobre isso. O meio social está mais aberto, apesar da onda conservadora seguir levando muitos ao lado sem luz, sem saber, com ignorância.

São 2021 anos, contando nesse calendário que vivemos, que a mulher é subjugada. O patriarcado silencia a mulher, poda os seus sonhos, trancafia os seus desejos e ignora os seus pedidos de socorro. Não é em um mundo justo que vivemos, mas escrevo com fé que sirva de exemplo e um pedaço de ajuda na desconstrução social que é a virgindade e a “perda” dela.



Narrativa de Clio



Idade: 23 anos.

Idade que perdeu a virgindade: 21 anos.

Identidade de gênero: mulher cis.

Orientação sexual: heterossexual.

Sempre fui muito insegura em relação ao meu corpo por conta de experiências muito dolorosas que vivenciei durante a infância. Precisei passar por terapia para conseguir lidar com isso, principalmente porque não me sentia segura e confortável perto de homens. Detestava abraços, toques ou qualquer outra coisa desse tipo. Ao longo do tempo, fui aprendendo a lidar com essas questões. Perdi a virgindade aos 21 anos, não foi uma experiência que gosto de lembrar. O cara não foi muito gentil, muito menos acolhedor. Lembro que também senti muita dor, mas não falei nada porque já tinha lido que era "normal". Acho que isso aconteceu devido ao fato de que eu estava muito nervosa. Além disso, sangrou e doeu bastante nas quatro primeiras relações. Fiquei traumatizada por muito tempo. Confesso que no início achei bem superestimado, rs. Hoje, entendo que esse meu desgosto era fruto das relações patriarcais em que o homem sente prazer durante a relação sexual e não se preocupa com o prazer de sua companheira. Nem sempre a mulher sente prazer somente com a penetração. Ao longo do tempo, fui conhecendo outros caras e acabei me frustrando mais ainda. Hoje, tenho um parceiro que me ajudou a superar todas essas frustrações, além disso, passei a me tocar e a me conhecer melhor. Diante disso, me sinto muito mais conectada comigo mesma. Toda mulher merece sentir prazer, pois o prazer feminino é revolucionário.



Narrativa de Luna



Identidade de gênero: Mulher Cis.

Idade: 26 anos.

Orientação sexual: Lésbica.

Contexto familiar: Filha mais nova, criada em uma família tradicional, com boa parte dos membros evangélicos (Avós, tias, primos). Evangélica desde os três anos de idade, quando minha irmã mais velha passou a me levar para cultos e reuniões da Assembleia de Deus do bairro que residíamos. Cresci aprendendo a doutrina cristã, sempre muito assídua e fervorosa na igreja. Por volta dos meus dez anos de idade, minha irmã rompeu com a igreja e eu permaneci. Os meus pais não eram evangélicos, porém simpatizavam bastante com a doutrina e tinham um imenso orgulho de eu ser a única crente da casa. Sempre fui muito cobrada por eles sobre seguir à risca a doutrina, não havia liberdade para diversão que não fosse com pessoas da igreja ou algo da escola. Sexo era um tabu tão grande que não havia conversa sobre virgindade, preservativos, nem mesmo sobre menstruação. Tudo que eu aprendi sobre educação sexual foi sozinha, na escola e através da *internet*, sempre gostei de pesquisar.

Início da vida sexual: Desde cedo, sempre muito curiosa sobre o mundo lá fora, sobre o que havia além das “prisões” que me eram impostas, mas ao mesmo tempo muito receosa do pecado, do inferno, fui explorando a vida sexual aos poucos, sempre que “caia em tentação”. Lembro-me da descoberta do prazer quando criança, aos 06 anos de idade, essa descoberta foi com outras crianças da mesma faixa etária que moravam vizinhos a minha casa (meninos e meninas). Quando estava na terceira série do ensino fundamental, estudei com um garoto que descobrira a vida sexual comigo. Era aquela coisa de ficar com as calças baixas, com nossos órgãos friccionando, aconteceu semelhante com garotas. A primeira pessoa que namorei escondido aos doze anos de idade foi um garoto filho de pastor. Não era como um casal bem resolvido na cama, então ia de roupa mesmo só com os zíperes abertos, vestido levantado, era o que poderia acontecer com dois adolescentes, cristãos, com hormônios à flor da pele. Depois sobrevieram quase as mesmas coisas com outros meninos. E eu sentindo atração por garotas, não podia explorar esse mundo, pois era pecado, até tive oportunidades, mas eu era muito fiel à igreja. Com os garotos da igreja com quem eu “caí em tentação” nunca

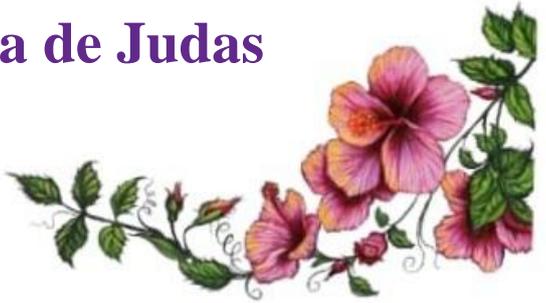
houve penetrações efetivamente, isso veio a ocorrer na vida adulta e eu já estava bem resolvida. Eu também não sei se esse é o critério para determinar a perda ou não de uma virgindade, se você só perde quando há penetração ou se é quando você se relaciona sexualmente. Deste modo, posso dizer que a perda da virgindade não teve um dia específico, um horário, um momento, eu costumo dizer que a perdi aos poucos, eu não iniciei a vida sexual em um ano X, com a pessoa Y.

Contexto social: Quem norteava minha vida era a igreja, então só era permitida qualquer coisa relativa a sexo após o casamento, principalmente a perda da virgindade, que era considerado algo precioso, que deveria ser guardado para o “seu Isaque”, prometido por Deus. Era muito comum ver jovens da igreja casando-se muito cedo, todos já sabiam que o motivo de força maior geralmente era a liberdade sexual. Também tinham muitos jovens que ficavam disciplinados por terem fornicado, altamente constrangedor, pois ficar disciplinado era um castigo onde você passava dias sem poder exercer suas tarefas da igreja, sem cantar no conjunto dos jovens, a disciplina variava entre uma semana, duas ou um mês, quem determinava a quantidade de dias era o pastor. E as moças divorciadas eram muito discriminadas na igreja, os garotos comentavam que não teriam coragem de namorar determinada menina, pois ela não era virgem, a expressão usada era “ela já era bulida”. Eu não queria ser uma dessas pessoas, era vergonhoso. A forma como a igreja tratava o assunto era totalmente constrangedor. Existiam até estudos bíblicos sobre a “desvirginação” de Maria (Mãe de Jesus), apenas para discutir se a mesma era virgem ou não quando se casou com José. Resumidamente, era feito sempre muito caso sobre virgindade, era assunto sério, era grave.

Atualidade: Como me encontro hoje? Completamente liberta! Conversar sobre virgindade é como conversar sobre o sabor de uma pizza. E para que isso fosse possível tive que seguir um longo caminho de rompimentos com padrões patriarcais, com a igreja e com minha família (sair de casa). Ainda, o ingresso na faculdade ajudou muito nesse processo, foi lá onde perdi o medo de dialogar, discutir assuntos como este que ainda são tabus para algumas pessoas.



Narrativa de Judas



Ano de nascimento: 2000.

Idade que iniciou a vida sexual: 20 anos.

Identidade de gênero: homem cisgênero.

Orientação sexual: homossexual.

Contexto familiar: primogênito e o único filho entre duas irmãs mais novas, sendo eu o mais velho. Criado em uma família católica, porém, não praticante. Filho de uma dona de casa e um pai policial civil que sempre enfatizou o que devia ser condizente para um homem e uma mulher. Sempre fui uma criança muito alegre, criativa, brincalhona e que tinha diversos amigos na infância. No período da minha pré-adolescência e adolescência passei a morar com meus avós maternos que moram ao lado da igreja católica, e foi lá onde encontrei meios e caminhos de me expressar, passando a ser praticante da fé e participante dos movimentos e pastorais até os dias atuais, que com o tempo fui me tornando coordenador de grupos e movimentos também pertencentes à igreja, tudo sem nenhum incentivo próprio da família. Carregando essa característica e influência da igreja desde a minha infância, muitos dos princípios religiosos foram aprendidos e com eles a castidade, que se refere a “uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana” (CIC 2339)⁶ e que foi algo que atravessou toda a minha adolescência. Isso possibilitou a compreensão de que a minha sexualidade seria algo que podia controlar ou não vivê-la, tornando todo o meu caminho de descobertas mais lento e tardio. O meu primeiro beijo foi aos 14/15 anos em uma menina, pois a tentativa de negação da sexualidade sempre me cercava, sendo assim, um beijo sem afeto, mas que não me acarretou nenhum desgosto, pois a menina era uma amiga minha e tudo não passava de uma brincadeira.

O início da vida sexual: Com todo o meu amadurecimento no que se refere a um autoconhecimento e entendendo as discussões que versam sobre a sexualidade e sobre uma educação sexual, percebi que é uma questão em que muitos possuem uma certa curiosidade de saber a respeito dos outros, porém, é um assunto conversado em tempo nenhum. A respeito do tempo e da idade, nunca foi algo que realmente me preocupe, sempre pensei como muitos, em fazer no momento certo e com a pessoa certa, mas na verdade isso acaba

⁶Catecismo da Igreja Católica.

por ser uma utopia, por nem sempre ser assim, principalmente no meio LGBTQIA+. Nesse meu processo, cheguei a me relacionar com alguns rapazes, mas sempre acreditei que a relação sexual deveria estar condizente com uma relação mais afetiva, no entanto, quando vim a ter minha primeira relação sexual e estando seguro de si, foi aos 20 anos de idade com um rapaz mais jovem e comum a vida sexual ativa há mais tempo do que a minha, o que de certo modo não me deixou constrangido. As práticas e deu por decisão minha, não foi desconfortável, nem dolorida, senti um respeito pela parte no meu parceiro e todo o cuidado, o que me deixou muito mais tranquilo e confortável, também devido ao uso de preservativos. A partir daí eu entendi que minha vida sexual tinha realmente se tornado ativa e que os cuidados com meu corpo, comigo mesmo e com as pessoas que iria me relacionar deveriam se redobrar, até para me sentir dono de mim mesmo e me prevenir de sujeitos e de momentos desagradáveis.

Contexto social: Apesar dessa discussão ainda ser oculta em muitos meios, acredito que como acesso à *internet* as informações ficaram muito mais acessíveis a todos, principalmente aos jovens que tem o seu grande domínio hoje. Assim como também inúmeros casos tristes de abusos e violências sexuais que, graças a pessoas que se posicionam diante desses acontecimentos, faz com que o conhecimento e as maneiras de se autocuidar e defender cheguem a mais pessoas. Assim, temos hoje um grande conhecimento e uma educação sexual em relação a anos atrás que não se havia brechas para a discussão, nas escolas, na família e muito menos nas instituições religiosas, como se apresentou na minha realidade. Não encontrando espaços para essas discussões, foi na *internet* que encontrei um mundo de possibilidades sobre tais informações, que me possibilitou um caminho de encontro e autoconhecimento, com o mínimo de educação sexual. Para além disso, somente conversas com amigas em que cada uma retratava um pouco já de suas primeiras experiências, mas como eu sempre presente no meio religioso e condizente com a sua doutrina, sempre me preservei da vida sexual por muito tempo e ao contrário de muitos, nunca fui discriminado ou alvo de piadas devido a isso. Após a perda da virgindade, minha vida ocorreu normalmente e com o tempo fui ganhando novas experiências e com elas, muitos anseios que tinha, se foram. Porém, esse tal acontecimento nunca foi questionado pelos meus pais, mas também nunca escondi ou incitei de alguma maneira, em razão da minha orientação sexual carregar um peso maior por eles não saberem através de mim mesmo e que, apesar disso, minhas relações sempre acontecem no oculto,

como na vida de muitos LGBTQIA+ que carregam consigo esse receio. No entanto, tento viver minimamente bem com tudo isso, no desejo de que em um futuro mais breve possível elas sejam sanadas.

Atualidade: Sendo um assunto delicado e individual de cada um e que de fato está mais debatido e tido como algo natural nos dias de hoje, por muito tempo e por influência de uma cultura cristã introduzida em nosso país, a questão da virgindade foi algo sempre muito valorizada e até categorizada como em qualidade você poderia perder. Hoje a realidade vem mudando, pois como acesso à *internet*, a tantas informações e o seu mal uso, muitas vezes a educação sexual é proveniente das pornografias, o que de certa forma favorece à prática sexual sei iniciar mais cedo ou precocemente, ao contrário do que tempos atrás. Corre-se grandes riscos de se contaminar com DSTs ou de uma gravidez na adolescência que é tão recorrente. Infelizmente ainda existe uma pressão no meio jovem por iniciar sua vida sexual e com todas essas questões e riscos é que se faz necessária uma boa educação sexual para todos, nos mais diversos campos, principalmente em casa. No meio LGBTQIA+ percebo que esses debates são mais recorrentes devido à nossa comunidade já ter um histórico marcado por doenças sexualmente transmissíveis, mas também de lutas que hoje, graças ao debate e avanços, o cuidado com a saúde sexual redobrou. Em suma, a virgindade é uma questão íntima e particular de cada um. Antes de perdê-la não podemos deixar de nos conhecer interiormente, assim como o nosso corpo, para assim desfrutar o melhor da vida sexual e que, com tantas fontes de conhecimento a respeito da saúde sexual, possamos juntos quebrar o tabu que cerca essa temática e assim sermos responsáveis consigo e com os outros.



Narrativa de Maria Antonieta

Nascimento: 1989.

Idade que perdeu a virgindade: 13/14 anos.

Identidade de gênero: mulher cis.

Orientação sexual: heterossexual.

Contexto Familiar:

Cresci em um ambiente familiar conturbado. Meus pais se divorciaram quando eu tinha 04 anos e desde então fui morar com minha mãe e mudei de cidade. Para mim, isso afetou grandemente porque eu era muito apegada ao meu pai. Como fiquei abalada, meu pai também ficou (inclusive desenvolvendo quadros de depressão), pois ele teve a infância muito sofrida e o divórcio dos seus pais também o traumatizaram. Infelizmente, mesmo que meu pai fosse contra o divórcio, minha mãe estava decidida. E assim mudei-me de cidade, indo a morar com a minha vó e com a minha mãe. No entanto, passava a maior parte do tempo com a minha vó, eis que minha mãe teve que sair de casa para estudar e fazer-se profissionalmente.

O choque de gerações era muito frequente, pois minha avó advinha de uma família tradicional carioca e minha mãe se encontrava “rebelde”, divorciando-se e, também, querendo sair para aventuras noturnas, coisa que nunca havia feito durante sua juventude. As brigas em casa, deste modo, eram constantes e eu acabei presenciando-as. Durante minha infância, também sofri alienação parental, pois minha mãe frequentemente falava mal do meu pai, como se ele fosse uma pessoa muito ruim (e eu sabia que não era verdade). Fui crescendo, assim, num ambiente diferente do convencional e acredito que isso acabou afetando meu desenvolvimento emocional, pois, se de um lado cresci com a minha vó e com minha mãe ausente por estar sempre trabalhando e querendo ter uma vida social, por outro, quando ia passar férias escolares com meu pai, a realidade era muito diferente.

Morando com minha mãe eu tinha algumas mordomias derivantes da sua ascendência, como é o caso de ter ajudante nos afazeres domésticos, enquanto que com meu pai não. De tempos em tempos, meu pai também arranjava alguma namorada e, claro, eu não gostava muito dessa situação, pois, como tinha grande afeto queria ser a única “digna” de atenção (risos). O tempo foi passando e entre idas e vindas da cidade da minha mãe para a cidade do meu pai, meu amadurecimento também foi gradualmente acontecendo.

Mas, aí, houve outro entrave intergeracional e temporal de criações. Enquanto que minha avó, conservadora, que passava o maior tempo comigo e tinha um casamento infeliz tentava incutir na minha cabeça que homem era descartável e só servia se tivesse aporte financeiro, de outro, meu pai, um intelectual de esquerda, tentava me falar coisas diferentes. Se o leitor se perguntar onde estava minha mãe nessa história, a resposta é simples: tentando se encontrar enquanto pessoa. Nunca me desamparou, mas delegou minha criação para terceiros.

Um belo dia, meu pai me fez a seguinte proposição: venha morar comigo. Eu já tinha quase 11 anos e achei a proposta interessante, o único entrave, porém, é que ele havia se casado de novo e constituído nova família. Minha madrasta era totalmente diferente do que fui criada. Mas, como eu e minha mãe vivíamos brigando e um dos motivos era a sua ausência por constantes saídas noturnas, num ato de rebeldia, fui morar com meu pai, deixando que minha mãe ficasse em choque.

Diferentemente da vida com minha mãe, a vida com meu pai era o oposto. Havia serviços domésticos, a escola que passei a estudar era pública e passei a conviver com minha madrasta. No entanto, sempre me senti de fora e como se ali não fosse minha casa. Posso fazer uma comparação com o que eu sentia com o que Norbert Elias chama de *outsider*, ao passo que minha madrasta e meus irmãos eram os estabelecidos. Meu pai, nesse entrave, ficava no meio, não querendo desagradar ninguém, porém as brigas eram frequentes. Enquanto que eu estava no que dizem ser a “aborrescência” entre 12 e 13 anos, minha madrasta também era imatura, com 25 anos, e que passara a ver eu e minha mãe como algo dispensável.

O dia da perda:

Resultado dessa longa narrativa, desencadear-se-iam conflitos emocionais e de moradia, os quais me fizeram suprir carências em longas noites navegando pela *internet*. Era o ano de 2002 aproximadamente e meu pai possuía *adsl* (*Assymetrical Digital Subscriber Line*), uma *internet* que ficava o dia inteiro conectada com velocidade alta. Logo, engatei num romance virtual e em pouco tempo estava namorando. - Muito cedo! as pessoas me diziam, mas, era meu refúgio e, naquele momento, era a pessoa que eu podia contar.

Depois de quase um ano de namoro, a pressão para ceder a perda da virgindade era grande. Enquanto que para o homem perder a virgindade é socialmente visto como algo digno de troféu, para a mulher existe ainda todo um tabu acerca do tema. Veja, não é que me falassem que fosse errado, mas eu sabia como as coisas funcionavam. No entanto, meu

namorado da época, rapaz com 17 anos e com os hormônios à flor da pele, não soube lidar com a situação.

Um mês antes de fazer 14 anos resolvi ceder. Foi na casa dele enquanto todos haviam saído. Não foi como eu imaginei e tampouco muito romântico, mas sim às pressas e com medo que alguém da família chegasse. Sangrou muito. Foi desconfortável e também doeu. Depois do ocorrido, pareceu que o que eu tinha de puro havia sumido. Ora, nunca mais eu voltaria a ser virgem. As perguntas que pairavam na minha cabeça era: mas, eu realmente o amo? Eu vou ficar com ele para sempre? Eu realmente queria? E eu sabia que a resposta para todas as indagações era negativa. Por mim, eu esperaria mais. Subjetivamente, eu não achava que aquele fosse o momento, mas, cedi por pressão, porque ele me mimava e me “aguentava” diante dos meus conflitos internos e mentais. A segunda vez sangrou mais que a primeira e, ainda não me sentia muito à vontade. Talvez, meu hímen não havia rompido totalmente da primeira vez. Mas, assim foi e depois não sangrei mais.

O pós-perda é exatamente complexo quando não nos sentimentos preparadas para o ato e o pior se faz na convicção de qual tal postura acarretar-se-ia num pressuposto social. Não podia contar para ninguém porque sabia que seria julgada ou falaria com cara de desaprovação, “nossa, você é muito nova”. Claro que eu tinha ciência que era nova, mas eu queria naquele momento acolhimento (não reprovação). É difícil não ter para quem contar ou um ter um abraço acolhedor. Me senti impura, como se eu tivesse feito algo errado e guardei aquilo para mim, afinal, eu abri as pernas porque quis, não?

Quando fui passar as férias com minha mãe, contei para ela, após ficarmos o dia inteiro juntas e foi uma sensação incrível. Ela me abraçou e não me julgou. Foi a primeira pessoa que contei. Foi muito libertador. Ela realmente me fez um bem muito grande me entendendo e me amparando. Percebi que mãe é mãe, independente dos erros e falhas e, por isso, voltei a morar com ela. Até mesmo porque, com a minha madrasta a situação estava péssima e irracional, chegando ao ponto de ela dar o ultimato no meu pai, ou *ela* ou *eu*. E, assim, voltei a morar com a minha mãe.

Contexto social:

Cresci na geração da ruptura de pensamento, pós-ditadura militar no Brasil (1985) e com a eclosão do modelo educacional crítico. Então, socialmente falando, a libertação da atividade sexual também era vislumbrada nos veículos de informação. Mas, claro que *clipes*, novelas e livros não são suficientes para mudar a mentalidade social, além de que gerações conservadoras vivem em atrito com as mais recentes. Ademais, a tentativa de se manter o

“bom costume” ocorre até mesmo em 2021, quem dirá no passado, entre os anos de 2003 e 2004.

Minhas amigas, neste cenário, tentavam ser *cool* e aderir o que estava na moda, mas, nem para elas sentia liberdade de contar *da perda*, muito ao contrário, sentia vergonha. Como já mencionei, a quebra de algo tão valorizado pela sociedade, sem ter a devida certeza do querer e sem a idade que a sociedade julga como mínima ou ideal, se torna um estigma para a mulher. Por isso, ser mulher em um país machista, conservador e patriarcal, possui vários obstáculos e, entre eles, está o estereótipo do corpo e do sexo, a padronização de como deve ser feito algo que só se refere à própria mulher. O julgamento é familiar, social, religioso e ideólogo.

Ser mulher, ainda em 2021, é complexo. Vivemos em um país de rupturas geracionais, mas que ainda preserva e tolera comportamentos sexistas e racistas. O assustador nisso tudo é a normalidade com que afazeres domésticos, cozinhar, separação de cor e de gênero, recaem majoritariamente sob a mulher.

A minha história “estigma atemporal” com certeza não é só minha. Muitas e muitos devem se identificar pela pressão masculina de ceder o ato sexual e todas as derivações que isso implica no pós-perda. Portanto, espero que minha história possa ajudar a todos e a todas a refletirem sobre o que significa a virgindade e como isso pode afetar na sua perda.



Narrativa de Varus



Ano de nascimento: 1999.
Idade que perdeu a virgindade: 19 anos.
Identidade de gênero: homem cis.
Orientação sexual: homossexual.

A virgindade era um tabu que durou muitos anos na minha vida, pois desde criança aprendi que só podia me relacionar sexualmente depois do casamento e que antes era pecado, e minha religião era bem severa quanto a isso. Ainda tinha a questão da minha sexualidade que também era mal vista e tive que, por anos, evitar essas coisas pra tentar ter uma vida melhor. Anos depois, já mais jovem, fiz muitas amizades no mundo gay e via meus amigos falando sobre suas relações sexuais e eu com quase 18 anos nunca tinha nem beijado na boca, por medo desse tabu, pois sabia que do beijo poderia rolar talvez sexo e vinha logo na minha cabeça o tabu. Depois de um certo tempo, meus amigos começaram a me perguntar sobre minhas experiências sexuais e falei que nunca tinha transado, depois disso comecei a perceber que eles me afastaram por ser o diferente entre eles. Por diversas vezes tentei criar coragem de transar com alguém, mas tinha vergonha de falar que com 19 anos ainda era virgem.

Logo depois, fiz uma amizade em que me senti aberto para conversar sobre esse assunto. Ele sempre me ajudava falando que era normal eu naquela idade ainda ser virgem e que eu fosse com calma e que respeitasse meu corpo. Um dia ele me convidou pra dormir na casa dele, eu de pronto atendi o convite e fui. Chegando lá a tarde, passamos um bom tempo conversando e quando demos conta já era mais de 21h, aí fomos jantar e ele me convidou pra irmos assistir um filme. Deitei na cama dele por trás dele, horas se passaram e o filme terminou e ele ficou no celular dele e eu no meu, até que ele me chamou pra colocar a cabeça no ombro dele e logo depois ele me beijou e percebi que ia rolar ali naquele instante, mas fui para ver até onde ia. Ele perguntou se eu queria ficar só de cueca, eu fiquei e ele também, quando dei por mim já estávamos sem roupa com meu corpo sobre o dele e quando chegamos nas vias de fato eu já estava pra lá de nervoso. Achava que iria ser doloroso, pois nunca tinha praticado o que estava fazendo, mas no final não foi, foi sim um turbilhão de sentimentos bons que nunca tinha sentido antes.

Depois de alguns dias percebi que tudo que eu tinha aprendido sobre virgindade era quase tudo mito, não me senti um pecador terrível como a igreja chama quem faz sexo antes

do casamento. Depois disso, me senti muito seguro de mim mesmo e depois comecei a me relacionar com meus amigos de forma normal, sem mais o tabu de falar sobre sexo.

E hoje vejo que aquilo que eu pensava sobre a virgindade me fazia mal, pois não vivia por medo de ser o pior ser humano na terra por simplesmente fazer sexo com outra pessoa, e espero que esse tipo de tabu seja revisto, pois assim como mexeu com minha vida, mexe com a vida de muitos que se prendem por acharem que estão cometendo a pior coisa da sua vida.



Narrativa de Beijar-Flor

Ano de nascimento: 1978.

Idade que iniciou a vida sexual: 17 anos.

Identidade de gênero: mulher cisgênera.

Orientação sexual: heterossexual.

Contexto familiar: Irmã de três irmãs e dois irmãos e criada a princípio em um lar com meu pai e minha mãe, numa família umbandista. Meus pais se separaram quando eu tinha na faixa de oito para nove anos, não lembro bem, mas lembro que foram anos difíceis aqueles. A partir de então, passei a morar com minha mãe, meus irmãos e nossa avó materna. Meu primeiro namoradinho eu tinha uns treze para quatorze anos. Foi com ele meu primeiro beijo. Confesso que não sabia que se beijava com a boca aberta e que havia beijo de língua. Dos quatorze para os quinze anos perdi minha mãe, estava num momento de descobertas, de perguntas, de curiosidade e foi muito difícil para mim. Perdi naquele momento alguém que eu amava, minha referência. Minha avó materna muito católica e cheia de pudores não falava sobre sexualidade conosco e se eu perguntasse era capaz de apanhar. Sempre fui uma criança tímida, mas também muito curiosa. Mas sem minha mãe para me orientar, com muito pouco que vi na escola que na época era pouco comum, fui aprendendo com a vida e amigas mais velhas. Tive muitos namorados, mas nada demais.

O início da vida sexual: Minha vida sexual começou entre dezessete e dezoito anos. Com o homem que hoje é meu marido, há vinte e cinco anos. Quando começamos a nos relacionar não usamos nenhum método anticonceptivo, não sei se pela falta de orientação ou pela falta de prática mesmo de ambos os lados, o que nos levou a uma gravidez não planejada. A minha primeira vez não foi boa, foi incômoda e nervosa, mas meu marido foi paciente e compreensivo, ele me amava muito. Então foram umas três ou quatro vezes para eu perder minha virgindade. Nessa época já não morava mais com minha avó materna, estava morando com meu pai e minha avó paterna. Não tive problema nenhum em contar para eles e meu pai que estava me relacionando sexualmente com meu namorado, pois diferente da maioria dos pais da época, meu pai sempre me apoiou e ficou feliz em saber que seria vovô. Mesmo sendo de outra época, mesmo eu sendo uma filha mulher, ele me entendeu e me apoiou. Mas lembro que na época era uma coisa séria a moça que perdia a virgindade sem estar casada, era motivo de fofoca na vizinhança por muito tempo.

Contexto social: Na época em que perdi minha virgindade as meninas perdiam suas virgindades cedo, mas era tudo escondido, não podia ser aberto, só as amigas acabavam por conhecer o drama. Quando vinha à tona era um problema grande, pois ou casava ou ficava mal falada. E o pior que os rapazes só chegavam perto porque entendiam que ali teriam sexo fácil. Os sentimentos das pessoas pareciam não serem levados em conta e isso era doloroso e constrangedor. Haviam pais que colocavam até a filha para fora de casa. Então o medo reinava entre nós, meninas, de não sermos aceitas, de sermos odiadas por nossos familiares. Ainda bem que tive apoio de minha família, o que foi muito importante na época.

Atualidade: Hoje vejo que os medos, a vergonha de falar em sexualidade é muito pouca, tenho filhos homens que dormem na casa das namoradas e elas vêm dormir em nossa casa e não vejo problema algum nisso. Acredito que isso se dê devido a mulher hoje trabalhar, ter sua independência. Não acho que a mulher banalizou a perda da virgindade. Acredito que estamos quebrando tabus, antes impostos pela sociedade. Não que ainda não exista. Embora algumas igrejas ainda interfiram nesse assunto, numa coisa que só diz respeito à mulher e a sua escolha. Entendo que nós somos donas do nosso corpo e por isso cabe a nós nossas escolhas e não a terceiros. A minha vida continuou após a perda da virgindade, eu e meu companheiro fomos nos descobrindo, fomos ganhando experiência e quebrando tabus, aprendendo juntos a arte do amor sem medo e vergonha. Também fui aprendendo a me cuidar, porque o sexo traz junto com ele responsabilidades. Cuidar da saúde física e mental também faz parte.



Narrativa de Afrodite



Ano de nascimento: 1982.
Identidade de gênero: mulher cis.
Orientação sexual: heterossexual.

Hoje tenho 39 anos e nasci no ano de 1982, nessa época virgindade era algo que se perdia só depois do casamento, assim fui criada e foram valores adotados pela família que me criou, pois não cresci em uma família tradicional com meus pais de sangue, mas, apesar disso, me foi transmitido os mesmos valores que eles passavam para os filhos de sangue. Talvez, por não ter um lar com uma família minha, me fez acreditar em filmes que eu procurava sempre assistir para ter um “final feliz”. Sim, achava que iria surgir um príncipe encantado e precisava de amor para me “entregar” a alguém. O tempo foi passando e nada do que via nos filmes acontecia comigo, minhas amigas namoravam, se apaixonavam e a “mágica” acontecia. Sim, para mim era algo mágico, sonhava quando iria acontecer, quando iria ser a minha vez e me perguntava “cadê, meu príncipe?”. Mesmo tendo uma imagem romântica sobre virgindade, tinha uma mente muito fértil sobre sexo e muita curiosidade, então assistia filmes e me tocava antes de perder a bendita virgindade, era conhecida como foguenta na minha turminha de amigas, apesar de ser a única virgem. A minha busca por um amor, alguém que me amasse também e que não apenas me desflorasse (sempre achei engraçado essa expressão) durou muitos anos, e acabei não focando em mim, como ter um futuro profissional. Meu sonho era encontrar meu príncipe, amar alguém e esse alguém também me amar e assim vivermos o meu final de filme, mas, nada acontecia.

Entrei na faculdade e meu mundo mudou. Continuava sendo a única virgem nessa nova turma de amigos, mas com outros pensamentos, então resolvi não procurar mais, focar nos estudos e mudar minha realidade com o estudo e futuro trabalho. Porém, a menina romântica permanecia em mim, amores e decepções vividas, mas nada que me fizesse ter vontade de me entregar para alguém, porque na minha cabeça não era o meu príncipe. Até que um dia conheci uma pessoa encantadora, lindo...e me olhava de uma forma que sempre sonhei, acreditava que era meu príncipe. A felicidade finalmente chegou? Eu me perguntava. Meu final feliz chegou!!!!!!!!!!!! Como eu estava enganada. Nessa época eu tinha 24 anos e casamento para mim continuava sendo um sonho, porém, não era algo que determinava a minha perda da virgindade, eu só queria me entregar por amor, mesmo não casando e assim

aconteceu. Eu amava e me entreguei, não foi nada como sonhei e imaginei, o meu príncipe que virou um sapo me levou para um motel barato e eu tive a minha tão esperada noite de amor de forma nada romântica. Estava um pouco bêbada, mas lembro que doeu muito, sangrei bastante e descobri que sangrei muito pelo fato dele não ter tido o devido cuidado, me fez ficar em cima dele na primeira noite e fizemos sexo várias vezes na mesma noite, porque ele gozou muito rápido na primeira, então repetimos várias vezes. E ressaltando, não foi devagar, ele introduzia sem delicadeza, uma poça de sangue se formou no lençol. Virei o brinquedinho sexual dele, até eu engravidar e ele falar que não era dele e pedir para eu tirar a criança. Tudo isso mexeu com meu psicológico por muito tempo.

Meu filme (vida) nada parecia com os que eu assistia, estava mais parecido com novelas mexicanas e descobri da pior forma que virgindade é algo puramente físico e não é necessário criar ou imaginar que isso muda a vida de alguém, o que muda é a forma como lidamos com os relacionamentos e experiências que adquirimos durante a nossa vida. Depois dessa experiência não me apeguei a sentimento para ter sexo com alguém, espero o tesão acontecer e claro ter a responsabilidade de saber como vai acontecer e como eu vou querer sentir prazer, porque é isso que o sexo traz, prazer físico, não uma resposta para sonhos.

Hoje teria feito diferente em relação à minha primeira experiência sexual, deixaria o tesão falar mais que a idealização de algo inexistente. Assim passo esses novos valores para os meus filhos e de sempre respeitar a pessoa que você está se relacionando.

O mundo sempre vem com mudanças relacionadas aos mais diversos aspectos, porém, a virgindade ainda é algo visto para alguns homens cis heterossexuais como algo importante e julgam mulheres que não são mais, mas outros já estão acompanhando essa nova mulher que se coloca como primeiro lugar nos seus desejos e decisões e acredito que as famílias estão mudando também, aceitando uma nova forma de relacionamento (namoro) dos filhos, educando e mostrando que o que importa é a personalidade do outro, não algo físico, que de nada acrescenta na vida da grande maioria das pessoas. A questão cultural (igreja) tem uma grande parcela de imposição dessa virgindade, que também, aos poucos, tem se modificado e aceitado algumas mudanças que ocorreram.

Para finalizar, espero conseguir fazer a minha parte enquanto mulher, de desconstruir essa imagem que é passada para nós, indivíduos, que virgindade é a personalidade da pessoa, que a pessoa por nunca ter tido uma relação sexual é melhor ou pior que outra que já teve a sua primeira experiência e que temos que focar em algo mais construtivo para a formação da gente enquanto seres humanos, e que somos todos iguais.

Narrativa de Hera



Identidade de gênero: mulher cis.
Orientação sexual: hétero.
Ano de nascimento e Idade: 1984.
Idade que perdeu avirgindade: não sei.



Perder a virgindade, pra mim, provavelmente não tem apenas um marco, mas sim, vários. Não sei exatamente se aconteceu apenas em um momento ou se em cada experiência que tive, perdi algo de mim, algo de quem fui. Se for em relação a perder a virgindade da boca, em um beijo, perdi aos 12 anos, com um menino que amei por muitos anos. Um amor de infância que se estendeu até a juventude. Foi um beijo escondido das vistas de muita gente, para não dar muito o que falar, apesar de que foi algo “ajeitado”, uma amiga em comum que intermediou o que queria a contecer. Combinamos de nos encontrar em uma esquina, debaixo de uma árvore frondosa, no boca da noite. Ele já me esperava, eu fui com muito medo de ser vista por alguém, pois eu sabia que poderia dar confusão em casa, meu pai era muito ciumento comigo, eu sendo a única menina da casa. Lá chegando, fui me tremendo ao encontro dele. Eu era muito apaixonada por ele e não sabia se ele nutria a mesma intensidade o sentimento, mas se estava ali, provavelmente tinha um interesse, não teria ido forçado. Já nos conhecíamos, tínhamos um vínculo de coleguismo, mas nada de amizade profunda, de contar segredos, nada disso. Não lembro de ter muita enrolação pro beijo acontecer...só lembro que me tremia muito!!! Fui me aproximando, a sombra da árvore nos acolhendo e a boca da noite serviu de inspiração para que as nossas bocas pudessem se aproximar, mais e mais, até se encostarem e eu, totalmente inexperiente, colocar a língua dentro da dele... e quando ele colocou a dele dentro da minha, eu mordi, quase que arrancava o pedaço... ele parou de me beijar, me olhou, sorriu e voltou a me beijar de novo... se eu estava nervosa, fiquei muito mais, pois quando ele fez saporada, pensei que ele iria brigar comigo e dizer algo, como “tá doida?” ou “quer arrancar, diga!”...hahahaha...Mas não, ele voltou a me beijar e o beijo foi fluindo, pois com o meu erro, aprendi instantaneamente, naquele momento, que mordidas não eram legais da quela forma... e ficamos alguns minutos envolvidos, ele me abraçando, sem parar de me beijar...e eu sentindo como se estivesse flutuando. Uma sensação única. Depois, paramos lentamente, sorrimos e ele perguntou se tinha sido bom. Eu disse que sim, totalmente envergonhada, e

ele me abraçou novamente e voltou a me beijar. Nem vi escurecer. Acho que ficamos ali por uma meia hora. Depois, cai na real que estava demorando a voltar pra casa e disse a ele que precisava ir. Nos despedimos, fui pra um lado e ele pra o outro (morávamos em sentidos opostos). Ele de bicicleta, eu a pé, mas com a sensação de que havia criado asas nos pés, pois era como se não estivesse sentindo o chão. Se me perguntar o que perdi naquele instante, não sei dizer. Acho até que ganhei... ganhei experiência, ganhei asas, ganhei um amor pra viver por muitos anos. Um amor com muitas idas e vindas, mas isso é uma outra história. Já em relação ao sexo em si, não sei dizer se foi com esse amor que eu perdi a virgindade, pois não sangrei, apesar dele ter tentado uma vez me penetrar, anos depois do primeiro beijo (eu já com 17 anos) e eu ter ficado um pouco dolorida nas partes íntimas. Namoramos por alguns anos, eu era muito nova, muito religiosa, minha família altamente católica e não me deixava só com ele por nada. No entanto, eu inventei que iria pra casa de uma amiga em Natal (aliás, eu não inventei, porque eu realmente fui, mas omiti que iria me encontrar com esse rapaz, que na época não era mais meu namorado... tínhamos terminado, eu estava namorando outra pessoa, em outra cidade) e lá nos encontramos, fomos passear com alguns amigos dele e à noite, ficamos todos em um mesmo quarto. Ele colocou um lençol por cima de nós (tipo como fazem no BBB, debaixo do endredom, pra transarem) e ficamos nos beijando intensamente. Ele levantou minha saia, tava de pau duro e ficou roçando em mim, mas eu não estava preparada pra transar com ele, além de não me sentir confortável de estar rodeada de pessoas que eu nem conhecia direito, mesmo estando todas dormindo. Fiquei insistindo pra ele parar, mas ele não parou, ficou forçando a entrada e eu senti um ardor, não sei explicar. Sei que ele gozou rápido, senti minha calcinha toda melada, um cheiro forte de água sanitária subindo debaixo daquele lençol e eu atônita, só pedia pra ele sair de cima de mim. Ele saiu, me levantei e fui ao banheiro. Olhei se eu tinha sangrado, não tinha, mas estava ardendo a minha pepeka. Não compreendia exatamente se havia perdido a virgindade ou não, porque o que sempre soube, por alto, é que a mulher sangrava na primeira vez. Nunca tive orientação em casa, nem na escola, nem entre amigas. Uma vez li e numa revista emprestada de uma colega de sala que a menina sangraria quando perdesse a virgindade, mas muito superficial essa informação. Tive também outro momento com o meu namorado da época (como falei, esse que eu citei acima, era um ex), e com esse sim, eu sangrei no primeiro momento que tivemos mais intimidade e ardeu muito a minha pepeka. Passei dias sentindo essa ardência e sangrou nas 3 primeiras vezes que transamos. Confesso que também não me sentia à vontade pra transar, foram situações bem

forçadas pela parte dele. Minha mente ainda trabalhava na ideia de que perder a virgindade antes do casamento era coisa de puta e eu me sentia muito mal por dentro, mesmo tendo vivido essas experiências sem a livre e espontânea vontade, mas também me sentia muito culpada por não ter gostado, pois estava com uma pessoa que eu gostava e me sentia bem na presença dele. Estava muito confusa. Passar por esses momentos não me fizeram me sentir plena comigo mesma, como aconteceu quando beijei pela primeira vez. Não fiquei flutuando, fiquei sentindo como se tivesse pedras em cima de mim, me enterrando dentro de mim mesma. Me apedrejei por dentro, essa é que é a verdade. Transei poucas vezes com esse namorado, passamos poucos meses juntos, não aprendi nada como sexo entre nós. Era muito “papai e mamãe”, ele por cima de mim, sempre. Nunca gozei com ele. Aliás, nem sabia que existia isso na vida de uma mulher. Pensava que era só o homem que gozava. Depois dele, tive outro namorado, inexperiente também, porém, com muita vontade de aprender junto comigo. Namoramos mais de 2 anos e nesse tempo juntos, compramos livros, pesquisamos juntos sobre sexualidade e nos aventurávamos a transar em locais diversos, com mais liberdade de conversar entre nós e muito amor envolvido também. Por isso, na minha mente, eu trabalhei a ideia de que perdi a virgindade com ele, pois foi com ele que descobri realmente o que é Sexualidade, o que é gozar, o que é diversificar as posições, o que é sexo oral (também foi com ele que aconteceu a primeira vez de colocar o pênis na boca e chupá-lo até fazê-lo gozar). E o sexo anal também foi com ele a primeira vez, porém, não gostei. Não ficamos juntos por muitos anos, mas a sensação é de que vivemos muito tempo, aproveitamos cada instante e eu perdi minha inocência com ele, perdi meu pudor, perdi o medo de me descobrir. Se perder a virgindade é perder o pudor, eu perdi com ele e sou muito agradecida por essa perda, pois ganhei meu autoconhecimento.



Narrativa de Ópio



Idade atual: 44.

Identidade de gênero: até agora, hétero.

Idade que perdeu a virgindade: não lembro.

Quando eu tinha 04 anos de idade, morava perto da casa de primos meus da minha idade. Eu era sempre levado à casa deles para brincarmos juntos. Certa vez, como era costume, estava na casa de um deles quando fui levado ao quarto por uma prima mais velha que eu...Ela tinha, ao menos eu presumo, entre 12 e 14 anos de idade. Ela me conduziu a um quarto, tirou minhas vestes, deitou-me no chão e se sentou sem roupa em cima de mim. Ela friccionava suas partes íntimas sobre as minhas. Eu obviamente não entendia nada do que se passava. Não entendia nada daquela "brincadeira". Lembro vagamente de ter tido ereção da segunda vez. Lembro bem do quentinho no meu pênis ainda incipiente. Ela fez isso algumas vezes, uma 4 ou 5... Não sei, posso estar equivocado, mas a impressão que tenho é a de que esse fato contribuiu sobremaneira pra que eu até hoje não lembre de minha primeira relação sexual já na fase adulta, já sabendo o que é o sexo. É como se não houvesse uma primeira vez ou como se a primeira vez tivesse sido aquela. Não tenho nenhum sentimento negativo por ela. Às vezes me pergunto se fui abusado... Em tese sim... Mas será que foi consciente? Da parte dela, foi? Não tenho mágoa nem ressentimento disso. Lembro com facilidade. Marcante foi... Sei uma coisa: Não lembro de minha primeira vez... Só lembro desse "causo" como se fosse.



Narrativa de Belatriz

Ano de nascimento: 1993.
Idade que iniciou a vida sexual: 18 anos.
Identidade de gênero: mulher cis.
Orientação sexual: hétero.



Filha adotiva de uma "dona do lar" e um mecânico, a mais nova dos 04 filhos. Fui adotada, pois a minha mãe tinha dois filhos e uma filha, faltava outra para formar o segundo casal. No ato da adoção, minha mãe adotiva já tinha 40 anos e essa diferença de idade viera a contribuir significativamente em minha vida social e sexual. Mãe nasceu na década de 50 e como a maioria das pessoas da época, teve uma educação rígida e com pouca orientação. O sexo na nossa casa sempre foi um tabu, não havia nenhum tipo de conversa sobre o corpo e sexualidade. Tudo que eu descobri foi na escola ou com as minhas amigas, mas com as amigas foi pouquíssimo, visto que eu tinha muita vergonha de falar sobre o assunto. Me apaixonei por um menino mais velho, eu tinha 14 anos e ele 18 anos, mas por medo, não tive coragem de transar com ele. Eu também tinha muita vergonha do meu corpo, por causa dos pêlos. Não podia falar sobre isso com mãe, afinal, se não conversávamos nem sobre menstruação, imagina sobre depilação. Aos 14 dei o primeiro beijo, mas lembro que menti para as minhas amigas, dizendo que foi aos 11 anos. Eu precisava ser igual a elas, é questão de aceitação no grupo. Aos 17 anos me apaixonei por outra pessoa, mas eu não tinha segurança e não transamos. Acabei transando com o melhor amigo do cara que eu gostava que, na época, também era o meu melhor amigo. O escolhi porque já tinha 18 anos e era virgem e ao menos poderia confiar nele. Minha primeira vez foi num carro, numa rua deserta, no banco de trás, após algumas doses de cachaça. Doeu um pouco. Ele foi bem paciente. Fui a primeira virgem dele. Na época, isso era como um prêmio. Fizemos sem camisinha. Tomei a pílula do dia seguinte. Minha menstruação atrasou, achei que minha vida tinha acabado. Me desesperei, mas ela veio. Me apaixonei por ele, ele se afastou. Desde então, colecionei várias e várias transas, ruins, boas, péssimas. Tomei muitas pílulas do dia seguinte, por não saber como funcionava e, somente depois dos 23 anos, percebi por meio de pesquisas que estava ferrando com meu corpo. Sem a devida educação sexual, eu fiz muita merda. Até hoje não sei tanto, mas o pouco que sei adquiri com a experiência, mas também com as páginas feministas. Somente agora aos 28 anos é que tenho a sensação de transar com alguém que não me trata como um objeto. Por isso a educação sexual é tão importante, para aprendermos a nos respeitar.



Narrativa de Olímpia



Ano de nascimento: 1992.

Idade em que iniciou a vida sexual: 22 anos.

Identidade de gênero: Mulher cis.

Orientação sexual: Heterossexual.

Eu perdi a virgindade aos 22 anos com um namorado. Na verdade, o processo de perda de virgindade não aconteceu todo em uma única noite. Tudo começou quando meus pais saíram, ficamos em casa eu e meu namorado. Aproveitamos o momento para tentar. Ambos estávamos muito tensos porque os dois eram virgens. Ele é um ano mais novo que eu. O ato em si não foi nada bom, primeiro porque estávamos muito inseguros, segundo com muito medo de alguém chegar e terceiro porque a gente não sabia ao certo como agir. A posição foi o clássico papai e mamãe, nesta vez não tiveram preliminares porque a gente estava mais apegado a penetração em si, o pênis adentrar a vagina. Foi muito doloroso. Eu não consegui relaxar nada e nenhum passava segurança, ambos eram sem experiência. Não foi uma experiência que me marcou positivamente, a ausência de lubrificação me causou muita dor e desconforto, além do mais, a sensação que eu guardo é que foram preciso ao menos três tentativas (em dias diferentes) para que o “vai e vem” engatasse na penetração. Eu não tive sangramento, aliás, até hoje, nunca sangrei, pelo menos não tenho recordações disso. Apesar de ter sido com um namorado, não era bem o que eu pretendia, porque apesar de perder a virgindade meio que tarde, eu queria que fosse com um cara que eu não conhecesse. Na minha mente, eu tinha que deixar de ser virgem com qualquer cara que eu não tivesse amor por ele e adquirir experiência para “transar bem” quando eu tivesse com o cara que eu amasse. Na minha visão, a virgindade em si não tinha o valor de ser perdido com a pessoa amada, dar ao amado aquilo que é “puro”. Eu cheguei a pensar assim, quando eu ficava com outro cara, lá na adolescência, mas isso não aconteceu.

A virgindade sempre foi mais tabu entre as minhas amigas da época da escola, pouco falávamos sobre isso, apesar de já ter entre nós algumas amigas com mais liberdade sexual. Já entre minhas amigas da faculdade, a virgindade era abordada de forma mais livre. Um fato curioso era que entre nós (um grupo composto por sete amigas), até quase metade da faculdade só três não eram mais virgens, as demais ainda eram e todas tinham mais de 20 anos de idade. Já em casa sempre foi um tabu. Minha mãe nunca gostava que eu ficasse sozinha com meu namorado no quarto, ainda que de porta aberta. Inclusive, quando eu

namorei o cara com quem perdi minha virgindade, namorávamos à distância e apenas ele vinha para minha casa porque minha mãe não queria me deixar ir até a casa dele com medo de que eu perdesse a virgindade, uma vez que lá ela não teria o controle sobre nós. Contudo, todas as experiências sexuais que tive com ele aconteceram em casa e algumas delas meus pais estavam. Na escola, me lembro que no ensino médio tivemos uma aula com profissionais da saúde ensinando a utilizar a camisinha. E também me lembro de um papo bem aberto sobre sexualidade, prazer e meios contraceptivos. Foi bem interessante! Em relação ao parceiro com quem perdi a virgindade, a gente conversava muito e ambos eram bem curiosos. Minha família nunca falou abertamente sobre o assunto. Um dos motivos da demora em perder a virgindade também estava atrelado ao medo de engravidar. Sempre tive medo de fazer sexo e acabar engravidando. Mesmo sabendo dos meios contraceptivos, não me sentia segura em transar. A igreja nunca me interferiu nisso, apesar de vir de uma família muito católica e ter uma vida participativa na igreja, eu nunca deixei de transar por qualquer motivo que estivesse ligado à igreja, como por exemplo, a questão pecado. Isso nunca me afetou. Mas sem sombra de dúvidas a família teve um peso muito forte na minha sexualidade. No sentido do controle.

Após perder a virgindade me senti mais integrada ao meu grupo de amigas, pois agora eu também tinha coisas para serem faladas quando o assunto fosse posto. Também me lembro da sensação de me sentir mais mulher em relação a isso, mais madura. Hoje percebo o quanto a perda da virgindade é tida como um selo de mulher, pelo menos foi assim que me senti, uma mulher validada. As minhas amigas que já não eram mais virgens, quando souberam, não ficaram surpresas pela transa em si, mas pelo fato de eu ter demorado tanto para perder a virgindade, mesmo tendo namorado. Eu nunca consegui falar sobre isso com minha mãe abertamente. Quando falei pra ela que já não era mais virgem, eu tinha 26 anos, já não morava mais em casa e tinha outro namorado e mesmo assim ela ficou muito surpresa. Após a perda da virgindade o que notei é que sexo não é nada demais, eu esperava ser algo tão surreal, por conta das narrativas que são criadas em torno do assunto, mas quando vivi na prática o que era, vi que não era nada demais. Conforme o tempo vai passando vou me sentindo mais livre para pensar e agir da forma como desejo. A sexualidade também é um campo que se encontra em constante descoberta e vou me permitindo desbravar, ainda que eu passe por alguns obstáculos ligados a crenças de “isso não é certo”.

Ainda acredito que há muito tabu sobre a perda da virgindade, especialmente para nós mulheres. A sociedade busca, através de seus aparelhos de controle, controlar o corpo da

mulher. Mas percebo que há alguns avanços. Um desses exemplos, é que tenho uma irmã bem mais nova que eu e hoje, aqui em casa, já conseguimos falar sobre sexo e sobre métodos contraceptivos. Não falamos sobre prazer e coisas do tipo, eu mesma não consigo falar abertamente sobre isso com minha mãe e irmã.

Eu acredito que todo tabu tenha consequências mais negativas que positivas. Porque o tabu não permite que o diálogo seja feito. O tabu é quase que sinônimo de silêncio e não tem como expandir as discussões se não falamos sobre. O tabu é o silenciamento, parece que navega pelos mares do oceano que acredita que se não falarmos sobre o assunto ele não será vivido. É preciso falarmos, é preciso trazer luz sobre a virgindade porque é uma questão atravessada por vários fatores: controle dos corpos, repressão do prazer, pressão social (por parte de alguns grupos em que o indivíduo está inserido), entre outros fatores.



Narrativa de Fênix



Ano de nascimento: 1977.

Idade que perdeu a virgindade: Perdi a virgindade com 20 anos (um pouco tarde para o parâmetro que vemos hoje em dia). Sou uma mulher com deficiência e muito disso requer através do preconceito vivido por mim e pelo padrão de beleza estabelecido, o qual faz os rapazes se afastarem.

Identidade de gênero: mulher cis e nunca tive algum problema com a minha identidade, com o meu nome e tudo mais que muitas pessoas são acometidas.

Orientação sexual: heterossexual

O processo da perda da minha virgindade foi um tanto tranquilo. Eu me tornei mulher com deficiência no decorrer da evolução da minha artrite reumatoide e eu fui criada em uma família que não falava sobre isso, uma mãe semianalfabeta, um pai também e eu recorri a muita conversa com minhas amigas. Morava em uma rua só com meninas e elas começaram a relatar conversas sobre práticas, sobre o que aconteceu, detalhes, isso e aquilo, e isso foi despertando em mim uma vontade cada vez maior de conhecer o sexo oposto, de ver como era, de sentir como era na verdade, mas eu não tinha como praticar, nunca tinha namoradinhos, eu era bem rejeitada com isso, mas até então eu não tinha muito...não sentia muito isso, não...Essa necessidade, não. Eu procurei muitas revistinhas...a Carícia, a Capricho...via muitas dicas sexuais...de como fazer um homem feliz, de como fazer a mulher gozar sozinha, como fazer o homem gozar, como fazer ele sentir prazer e isso foi despertando cada vez mais, muito mesmo. E as narrativas das minhas amigas sobre o que vinha acontecendo fez com que a minha libido ficasse cada vez maior. No entanto, eu conheci um rapaz, ele tinha 17 anos e eu 20, ele já era mais experiente do que eu e a gente participava do grupo de jovens da igreja e aí começamos a namorar. Começamos a namorar, o namoro foi ficando mais intenso, mais intenso...com o decorrer do tempo, tudo normal, tudo natural, foi acontecendo naturalmente com os sarros e beijos mais intensos, foi uma coisa mais gradativamente...foi acontecendo naturalmente. Aconteceu aqui mesmo, na calçada da minha

casa, era um pouco escuro, tinha uma árvore muito frondosa...e os carinhos se intensificaram e eu sentei no colo dele...Foi aquele momento muito prazeroso e foi constatado mesmo de ambas as partes que houve o ato...tomei consciência disso quando eu vi que sangrou um pouco, mas aconteceu tudo naturalmente, foi tudo muito bom, eu já esperava, eu já queria mesmo. Esse assunto sobre a virgindade era tratado entre os meus amigos como uma coisa bem natural. As meninas eram bem mais jovens do que eu, nunca tive pressão, eu só tinha muita vontade e muita curiosidade. Na família nunca era falado, na escola também não. Não tive esses momentos de namorinho na escola, eu só via as meninas namorando, mas não se falava em sexo na escola, nem da parte dos professores. Só uma vez que eu fiz um cartaz bem revolucionário de DST's, onde eu desenhei os órgãos genitais do rapaz e da moça, fazendo a descrição completa do órgão e do que eram as Doenças Sexualmente Transmissíveis. Na infância, eu, hoje em dia mais madura, reconheço que teve um momento que eu fui...não foi violação...foi um pouco de violação, mas, pra mim, eu só achei estranho e que agora, na parte adulta, foi que eu fui ver que não estava correto. Foi um passeio que eu fiz com minha amiga, a gente foi tomar banho de piscina, eu tinha 09 anos e um amigo do pai dela ficou me acariciando. Isso me deu um pouco de medo no dia, mas, depois passou...Hoje em dia eu vejo como uma coisa natural, não foi natural na época, mas a sexualidade, pra mim, sempre foi bastante natural. Eu converso hoje com meu filho sobre – ele é que é muito tímido pra isso, mas eu tento fazer uma orientação.

Na época dos anos 80/90, a escola não falava sobre nada, a igreja também não. Fiz a 1ª comunhão, mas não se falava sobre isso, era um tabu, mas, pra mim, a sexualidade nunca foi um tabu, apesar das pessoas me veem como uma pessoa assexuada, porque uma pessoa com deficiência não pode ter filho, não pode casar, não pode isso, não pode aquilo e eu fui quebrando as barreiras de tudo isso. Foi eu mesmo que fui desmistificando tudo isso, as mudanças sexuais pra mim também não teve muita diferença de uma menina normal. Menstruei também com mais de 15 anos e foi uma coisa muito natural, muito natural. Após a minha perda da virgindade, eu só estranhei um pouco, porque o corpo muda, a gente sente um pouco...como se fosse um vazio (rsrsrs)...não sei...uma coisa muito estranha, mas eu botei na minha cabeça que isso era tudo muito normal. Eu fiquei com esse mesmo companheiro até 2014, aos meus 38 anos, foi uma vida sexual muito intensa com ele. Veio um casamento, veio um filho, através dele, e sempre vivemos intensamente todas as nossas fantasias sexuais, não teve tabu não. A minha história sexual, a história da minha sexualidade foi ornada de desmistificação, de tabu nenhum e foi...posso bater nos peitos e dizer que foi muito boa. A

questão cultural, pra mim, no momento que eu perdi a virgindade, nada mudou. Foi cada vez, melhor, porque a gente vai criando experiência e a sexualidade vai ficando cada vez melhor. Eu não acho saudável esse tabu que as pessoas colocam em cima da sexualidade. Pra mim, as pessoas escolhem ser o que são, fazer da forma que são, do jeito que gostam, do que querem ver sobre o que é a sexualidade. Ela vem de uma forma saudável e eu sei que têm muitas pessoas por aí que têm muitas dificuldades psicológicas em relação à sua própria sexualidade...e o preconceito que as outras pessoas têm em relação a elas, especialmente essas pessoas que são trans, homossexuais, existem muitas crises existenciais devido a isso, mas, pra mim, num resumo geral, a minha sexualidade foi muito saudável, fisicamente, psicologicamente. Eu só lamento pelas pessoas que não querem se aproximar de mim por causa da minha deficiência porque elas estão perdendo bastante, porque eu tento melhorar a minha mentalidade, fazendo estudo de Filosofia, estudo um pouco de Psicanálise, tenho momentos de altos e baixos, porque infelizmente a sociedade é muito cruel quando vai lidar com o diferente. Eu falo de acordo com a minha condição de pessoa com deficiência, mas eu sinto também pelas mulheres trans, pelos homens trans, pela diversidade que tem aí, LGBTQIAP+. Eu sinto bastante e vejo muito o preconceito, muito grande em relação às sexualidades dessas pessoas. Eu lamento bastante.

A perspectiva de mudanças da sociedade em relação ao tabu da sexualidade é de ainda estar evoluindo pouco, porque ainda existe assassinatos, existe muito a homofobia, transfobia, existe muito preconceito, existe muito um padrão de beleza difícil da gente seguir e eu acho que a perspectiva dessas mudanças culturais é muito lenta, precisa de muitas políticas públicas, de ensinar isso nas escolas, de ensinar, de orientar. Está faltando muito é orientação, de um modo geral, na sociedade e pra que isso aconteça tem que vir de uma sociedade, da sociedade escolar, dos pais, da igreja, mas não é fácil... é um trabalho de formiguinha.



Narrativa de Tobogã do Amor

Ano de nascimento: 1983.

Idade que iniciou a vida sexual: 17 anos.

Identidade de gênero: homem cisgênero.

Orientação sexual: heterossexual.

Quando tudo isso aconteceu, foi logo no início dos anos 2000. A sociedade já estava se modernizando, mas no contexto familiar, no contexto religioso no qual eu fui criado, a minha família bem nesse sentido tradicional, a gente sempre foi criado muito preso, sem estar muito com essa liberdade que a gente vê hoje. Meus pais sempre foram muito abertos nesse sentido, assim, naquela tradição machista de que o homem, como era antigamente, aquela coisa de “ah, prenda suas cabras que o meu bode tá solto”... Mas, só, que ao mesmo tempo, existia aquela cultura da honestidade, em termos de que “ah, se você bulir com a filha alheia, se tirar a honra de uma filha dos outros tem que casar”, de namorar bem certinho. Então, eu tinha uma namorada...foi minha primeira namorada...e eu namorava com ela de cadeirinha, namorava em casa, aquela coisa toda. E na religião, na minha religião de Umbanda, nessa Umbanda da gente aqui, traçada e tudo, dessa cultura da gente, o contexto que existia era essa questão de se unir, de fazer por onde dar certo, mas nada aquela coisa como no Cristianismo, que a pessoa tem que viver aos trancos e barrancos, não. É aquela coisa, se deu certo, vive...se não deu, deixa. Agora a minha família sempre foi assim, de fazer por onde viver...aquela questão do machismo e também da honra, de você casar, de você fazer por onde dar certo. Esse contexto aí foi o contexto da minha criação e da minha religião. E quando eu falo nessa questão da criação, envolve a questão da escola, porque eu estudei no Colégio das Irmãs, da Católica, e tinha toda essa coisa, de sexo antes do casamento não era correto, só que naquela época, desse período aí, já pegando pro ano 2000, era bem comum essas práticas antes do casamento. Anteriormente, até a década de 90, era bem escondido essas coisas, de o homem casar sem ser virgem, mas existia essa cultura, esse ensinamento que os dois tinham que ser virgem para poder casar. Então, a gente namorava direitinho, mas tinha as tentações. O ensinamento era esse, em casa, na escola, principalmente por ser uma escola religiosa Católica, mas na minha Umbanda nunca teve muito essa questão da honra, de virgindade não. A Umbanda fala na questão do amor, se se gostam, vão viver e tal e assim por diante.

No contexto social daquela época, nos anos 90 a gente já estava se revolucionando pra uma mudança, pra chegada do ano de 2000, o século XXI. Então, a partir de 2001 existia já

esse modernismo...“ah, ninguém é obrigado a casar virgem”...Existia essa mudança. Existiam as famílias tradicionais que ainda exigiam o namoro, aquele namoro de estar na porta de casa. Ave Maria, naquela época se uma mulher namorasse e o cara viesse deixar ela só na porta, sem frequentar a casa dela, aquilo era uma desonra, era muito feio, era falada. Hoje em dia é normal. Naquele tempo, ficar era uma coisa muito feia, esse negócio de ficar. Então, naquela época existia um tradicionalismo de namorar, de frequentar a casa da namorada e pra uma mulher frequentar a casa do namorado, ela tinha que ser já noiva ou alguma coisa desse tipo, com muita intimidade mesmo. Nam, de jeito nenhum, era feio, era errado, uma moça, uma namorada viver na casa do namorado, da década de 90 para início dos anos 2000. A gente tinha que namorar na casa da menina, tinha que pedir aos pais pra namorar. Era assim, você tinha que ir lá, pedir ao pai e a mãe, ou a avó, ou um tio, quem fosse responsável por ela. Era dessa forma que acontecia. Os mais liberais eram daquela sociedade mais moderna, que tinha um estado social melhor, porque as pessoas mais humildes ainda levavam essa tradição.

E a perda da minha virgindade, como diz a história, minha primeira relação sexual mesmo, de fato, foi em 2000, final de 2000, eu tinha 17 anos, já era bem tarde, eu perdi a minha virgindade bem tarde. Eram aqueles amassos, aquele amasso gostoso e aquela tentação e o fogo à flor da pele, muito calor, muita emoção. A menina era bem nova, eu com 17 e ela com 14, ela era 03 anos mais nova do que eu. A gente naquela época, a gente tinha uma certa inocência, vamos dizer assim...a gente era bem bestinha... a gente fazia aquela danação, aquelas coisas, mas a gente não era cabeça como hoje. A sociedade, os meninos de 14 anos, 15 anos já são mais espertos do que naquela época. A gente fazia aquilo ali, mas era com aquele medo, mas foi muito bom, foi muito prazeroso, foi muito gostoso, foi com quem eu amava, eu tinha um amor muito grande por ela. Depois, o relacionamento não deu certo, mas os planos eram da gente casar. A gente ainda durou 1 ano e 7 meses, praticamente, mas foi muito bom, foi muito emocionante, foi muito gostoso, foi uma coisa que foi escondido, aconteceu e depois a gente ficou um pouco assustado, com um sentimento de culpa, por causa da criação daquela época, porque eu fui criado com os meus pais dizendo “ah, se bulir com a filha alheia, tirar a honra tem que casar”, então, tinha o peso de consciência, aquela coisa toda, mas foi bom, foi maravilhoso, foi maravilhosa a experiência, muito massa...Como é bom...até hoje eu...(gargalhada)...eu ainda lembro...é muito bom, pra mim foi uma coisa muito gostosa...pra mim é uma das coisas mais importantes da vida, mais saborosa, mais gostosa, mais emocionante, mais prazerosa é o sexo. É muito bom...ah se a mais tempo eu tivesse feito...e foi isso...

Hoje em dia, em 2021, praticamente 20 anos do século XXI...Esse século XXI, as coisas bem modernas, hoje ninguém sabe mais o que é amor, as pessoas não têm mais essa convivência, essa coisa de primeiro se conhecer, pra depois ter um relacionamento firme. Hoje o sexo não existe mais esse negócio de honra, não tem mais essa preocupação. Antigamente se uma moça perdesse a sua virgindade ela tinha um medo de dizer a seus pais, era aquele tabu...hoje, não. Hoje, as meninas e os meninos já se conhecem, já conhecem a sexualidade muito jovens, muito precoce e daí que já começam os relacionamentos meio que loucos, meio que ninguém faz nada por amor e sim, só por instinto mesmo, por desejo da carne, aquela coisa. Hoje as coisas estão bem diferentes, a gente vê que perdeu aquele encanto que tinha. Eu ainda sou do tempo do encanto, que você sentia aquele amor, a gente beijava com amor, com carinho, era uma sensação diferente...Você ia ter uma transa, um sexo, mas era uma coisa tão gostosa, tão intensa que você ia porque você gostava daquela pessoa, você realmente tinha um interesse além de só transa e hoje, não. A gente vê que é tipo assim, você chega, tira a roupa, pronto, ali não tem nenhum tesão antes, porque não teve nem um preparo antes, já vai tirando a roupa, já é aquela coisa estranha...eu acho estranho...eu acho muito estranho...porque eu era acostumado de uma forma e hoje eu tenho que me adaptar a essa outra forma. Depois, com o tempo, com a convivência, é que eu vou mostrando pra parceira, como é essa questão do carinho e tudo, mas, sei lá... de antemão, tudo é muito diferente. O início, as preliminares, é muito estranho, muito diferente. As pessoas não se preocupam mais com isso, hoje em dia não tem aquela preocupação de namorar em casa, nem de conhecer a família. Quando a família vem conhecer o cara, o companheiro, o namorado da mulher ou vice-versa, seja lá quem for, quando as pessoas vêm mostrar seus relacionamentos já tem saído várias vezes, às vezes não tem nem sentimento ainda, mas devido já ter saído há muito tempo, já existe aquela cobrança, “ah, me apresente à sua família”... Bom, é tudo diferente, tá tudo mudado, tudo diferente, as pessoas não se preocupam mais com a questão do sentimento e se frustram... Hoje tem mais liberdade, acabou o tabu, de uma certa forma. Até as próprias músicas são escancaradas, só falam em sexo e em posição sexual, diz detalhes e em relação ao tempo passado era diferente, a gente não conversava essas coisas na frente dos pais da gente, tudo isso mudou. Enfim, uma mudança radical. Foi bom e foi ruim...Foi bom porque não existe mais aquela repressão, aquele medo, aquela obrigatoriedade, porque ninguém é obrigado a nada, mas eu acho ruim é a questão do sentimento, porque esfriou os sentimentos, as pessoas se acostumaram em só sexo e daqui que comece a surgir um sentimento verdadeiro é complicado. Antes não podia ter o sexo, dizia que era proibido, que não podia e tal, então a

gente se contentava aos poucos, ia conhecendo, gerando aquele carinho, aquela curiosidade, com o passar do tempo. E quando noivava ou então que acontecia o relacionamento, o principal, o sexo, o ato em si, as pessoas já queriam casar, elas já estavam com o tempo suficiente pra ver que se gostavam, pelo menos no modo geral. Hoje não, hoje é só sexo, só sexo, só sexo e existe aquela cobrança “ah, tá bom da gente ficar sério, porque já faz tempo que a gente sai”... Quer dizer, esse “faz tempo que a gente sai”, mas não passa de uma transa e por não passar de uma transa gera mais aquela infidelidade, porque não existe um sentimento que cobre “ah, eu não vou trair fulano não”. Então, virou como animal, tipo animal, é só aquele sexo e pronto, então ninguém considera ninguém, é mais ou menos por aí. Lógico que toda regra tem exceção, mas contribui pra isso, pra infidelidade. Eu vejo dessa forma, olhando o antes, no tempo em que eu era adolescente pra agora, o que eu vejo é isso, essa liberdade total da sexualidade conduziu a Humanidade a traições desenfreadas, a falta de amor verdadeiro e daí que as pessoas levam o sexo mais como um objeto, como um momento, só aquele momento e pronto... igual àquela música “chicotada e tchau”... Hoje a gente vê que até as igrejas já estão mais abertas pra esse pensamento porque viram que não tem mais como segurar a modernidade. É os tempos modernos, vai avançando, é a Nova Era...e as coisas tendem, cada vez mais, a se modernizar. Já temos aí os casais homoafetivos, trans, já está sendo bem divulgado, já é bem normal hoje em dia você ver um casal gay, bem à vontade e que antes não era tão comum. A gente vê que a Nova Era, os novos tempos tão dando vez e voz pra todo mundo, muito diferente daquele tempo anterior, nessa questão sexual, principalmente. Eu acho que o sexo antigamente era mais gostoso, mas para as mulheres era desvantagem, porque geralmente os homens não estavam preparados pra dar prazer às mulheres, porque geralmente eles se satisfaziam e pronto. Hoje tem uma vantagem mais para as mulheres, porque elas já conheceram mais a questão do prazer, elas já tiraram esse tabu e quando o homem não dá prazer a elas, elas buscam prazer nem que seja com instrumentos eróticos, mas elas chegam a esse alcance, a esse auge do prazer. Mas eu, como homem, comparando com o passado pra esse agora, o sexo com amor é mais gostoso. O sexo sem amor é gostoso sim, é... mas depois ele deixa, assim, uma falta, deixa a desejar.



Narrativa de Susana



Ano de nascimento: 1981.
Idade que iniciou a vida sexual: 20 anos.
Identidade de gênero: mulher cisgênero.
Orientação sexual: heterossexual.

Perdi a virgindade por volta dos meus 20 anos. Sempre tive orientações bíblicas, ou seja, nada de sexo antes do casamento, porém, me afastei um pouco dos ensinamentos e fui morar com meu pai em outra cidade e conheci alguém, com o qual eu me envolvi. Depois de uns 02 meses de relacionamento, perdi a virgindade, a qual pra mim nunca foi tabu, mesmo com todos os ensinamentos que me foram apresentados. Sempre fui muito curiosa, lia e nunca tive medo de nada. Então, quando decidi que estava certa do que queria, tudo programado... Porém, não foi como eu imaginava que fosse. Não me lembro bem ao certo, mas não foi tão confortável, tão especial como muitas falam, mas nada que me deixasse com traumas. Com o tempo tudo passou a ser normal, tanto físico quanto psicológico. Claro que o psicológico no começo fica meio confuso, muitas coisas na cabeça... “certo... errado??”... Enfim, perdi consciência, nada que me abalasse. Fiquei um tempo com a pessoa ainda, mas depois nos separamos e minha vida seguiu normal.



Narrativa de Lilith



Ano de nascimento: 1996.
Idade que iniciou a vida sexual: 18 anos.
Identidade de gênero: mulher cisgênera.
Orientação sexual: heterossexual.

Contexto familiar: Criada pelo meus pais com irmãs e irmãos. Minha mãe é católica e foi criada pelos seus pais também. Minha avó materna é uma mulher totalmente conservadora até os dia de hoje. Meu avó deixou a vida cedo, faleceu quando minha mãe ainda era adolescente, por volta dos seus 15 anos. Apesar de ter alguns tabus para falar sobre sexo, namorou muito cedo e engravidou aos 16 anos da sua primeira filha. Mas conversava com a gente sobre sexo, mesmo não sendo instruída o suficiente. O básico já conseguia dividir. Já o meu pai nunca gostou de religião (hoje em dia somos semelhates nesse posicionamento), porém, quando mais novo, por volta de seus 15 anos, frequentou uma igreja protestante. Mais velho e sempre cheio de questionamentos, decidi sair da instituição que congregava, o que nunca tornou uma pessoa conservadora, apesar de ser machista em alguns pontos. Trabalha na área da saúde e o assunto sexo nunca foi tabu. Ao contrário, sempre nos orientou sobre educação sexual. Conversamos a respeito até os dias presentes e sou grata a ele por isso.

O início da vida sexual: Minha vida sexual, de fato, começa aos 18 anos, pois tinha uma rotina sexual bastante ativa. Mas quando se fala sobre o primórdio desse momento na minha vida, uma memória ignorada é desbloqueada. Aos 15 anos (2012) sai com um cara 07 anos mais velho do que eu. E dentre essas saídas, por eu ainda ser virgem, teve um dia que ele falou que estava ficando um pouco saturado de beijinhos e queria algo a mais. Na época por ser ingênua e com um receio da gente não mais ficar, eu lembro que não pensei muito a respeito e na mesma noite fiz um sexo oral nele. Depois disso a gente continuou ficando e eu também tive o prazer de conhecer esse universo. Mas decidi que não passaria de sexo oral. A história não terminou bem entre a gente, por isso essa lembrança é tão ignorada, porque até hoje ele me dá repulsa. Mas feliz, por saber que eu não fui mais além com ele.

Antes de tudo isso, fui de uma igreja por um tempo. A minha iniciação nessas intuição começa pela Católica. Aprendi que devíamos nos conservar e casar para essa

passagem da nossa vida. Mas, como eu sou cheia de questionamentos, eu saí da instituição e me tornei protestante. Passei um tempo considerável na protestante. Mas os meus pensamentos nunca foram limitados, embora eu queria seguir com a ideia de perder a minha virgindade pós casamento. Porém, sempre fui curiosa e eu tinha essa vontade de descobrir o que era o sexo. Como mencionado anteriormente, eu quis matar a minha curiosidade, então eu fiz o que tive vontade naquele momento. Só que eu tinha medo das pessoas saberem a respeito, por conta dos meus pais. Embora meu pai, uma pessoa até “desconstruída” para esses tabus sexuais, não queria que a gente tivesse uma vida sexual muito cedo. Que a gente amadurecesse mais para saber como é de fato esse universo. Mas ninguém ficou sabendo. Depois que parei de ficar com essa pessoa, dei um *time* sobre rapazes. Voltei para à igreja e novamente introduzi a ideia de sexo somente pós casamento. Em 2013 conheci uma pessoa e a gente começou a namorar. Foi o meu primeiro namorado. A gente ficou três anos juntos, por eu estar na igreja, eu não queria a prática de sexo. Essas memórias são vivas até hoje (risos). Apesar de não querer a rotina sexual, a gente se curtia nos famosos sarros. Mas depois de um ano e meio de relacionamento e eu já tinha outras ideias em mente, posso dizer que até mais evoluídas e amadurecidas, a gente começou a avançar. Ainda assim, eu não conseguia me desprender da ideia de sexo só depois do casamento, então o único sexo que eu fazia era oral. Perto dos meus 18 anos, umas semanas antes, a gente tentou, mas não conseguimos cem por cento, ele ia viajar no dia seguinte e eu faria 18. A gente decidiu tentar novamente quando ele retornasse da viagem. Eu fiquei ansiosa, porque uma parte de mim por ter conquistado a maioridade, sentia-me até mais confortável para esse universo, já que meu pai insistia que a gente tivesse contato com a vida sexual mais madura (e ele sempre acreditou que eu tive desde o início do meu namoro. Mas contei a ele o que eu pensava a respeito e que decidi isso somente aos 18 anos).

Ao retornar da viagem, a gente tentou, deu certo e para uma primeira-segunda vez, foi bacana. Ele foi bastante gentil e se importou com o que eu sentia e pensava. Também nunca me pressionou para a gente dar esse passo. Foi uma decisão totalmente minha. Já me considerava adulta o suficiente, porque apesar de tudo, acho que sempre fui madura para o meu tempo.

Depois dessa passagem da maturidade e decidir me tornar uma mulher de vida sexual ativa, permiti a me conhecer mais. Já lia muito a respeito sobre sexologia. Sempre fui curiosa por esse universo. Bom, só posso dizer que com o tempo e sempre em constante aprendizado, evolução, eu continuo me informando a respeito, converso sobre sexo, porque

nunca foi problema ou tabu para mim (inclusive conversar com as minhas sobrinhas, já que apesar de serem orientadas pelos seus pais, ainda é uma forma conservadora e sem muitas informações a respeito da educação sexual).

Hoje eu sou amante desse universo que vai além da estrutura física e sinto-me feliz pela liberdade que eu tenho em conversar sobre o universo do sexo.

Contexto social: A mulher sempre buscou seu espaço numa sociedade conservadora patriarcal e misógina, que só a via como um ser reprodutor. Procriar e cuidar das responsabilidades do lar. No século XX, com pequenas mudanças, seja na sua forma de conduta, vestimentas e como se apresentava para a sociedade, além de buscar conquistar seu espaço na vida profissional e sempre lutando pelos seus direitos, a vida sexual da mulher tem uma nova representatividade na sociedade e hoje devemos a essas grandes mulheres, cada uma delas que lutaram por esse nosso espaço e como hoje podemos falar abertamente sobre sexo, mesmo que ainda exista tabus. Mas, temos muitas vozes que continuam lutando para que esse espaço não seja visto como tabu, e sim, como liberdade de se desprender de rótulos conservadores.

Atualidade: A mulher hoje em dia é exaltada e criticada. Exaltada por quem compactua da mesma ideia. Criticada por ser apenas mulher com vontades, desejos e donas de si. Nosso espaço na sociedade sempre vai ser um desafio. Viver em tempos de hoje é se desconstruir dos tempos passados que tinham a ideia de que seu papel social era cuidar do lar e dos filhos. Mas hoje decidimos o que queremos, como a nossa vida deve ser construída. Decidimos os nossos sonhos e desejos. Nossas vontades.

Procuo sempre me desconstruir, buscar entender e defender nosso espaço e nossos direitos nessa sociedade vil. A jornada não é fácil, porque falar de sexo não é falar de sexo, mas de pecado e inferno. Falar de sexo, não é falar de sexo, é ser impuro. Falar de sexo para quem têm tabus e vive numa sociedade hipócrita e ao mesmo tempo conservadora, é ser condenado. É ser julgado, mas nunca ser compreendido e aceito.

Hoje, posso afirmar que sou uma pessoa totalmente desconstruída aos padrões que foram impostos por instituições religiosas e a figura masculina.

A forma como compreendo o sexo é a busca pela plena liberdade de quem eu sou e como eu gosto de me sentir em relação ao próprio sexo. Sexo é liberdade, é prazer e também muito conhecimento do nosso interior.



Narrativa de Deméter



Identidade de gênero: mulher cis.
Orientaçãosexual: heterossexual.
Anodenascimento: 1984.
Idade que começou a vida sexual: 22anos.

Por volta dos meus 15, 16 anos de idade, perante a minha inocência de menina-mulher, tive um namorado que eu amava muito e tinha a mesma idade que eu. Ele também retribuía tal sentimento, não sei se na mesma intensidade, mas aparentava gostar bastante de mim. Muito inocente, não sabia o que era sexo. Era devotada a ele, mas não passava na minha cabeça transar com ele, porque até então, eu não sabia exatamente o que era. Sabia que existia, porém, era algo para adultos, portanto, não era da minha seara tal assunto, nem nunca despertei para buscar mais informações. Namorava por amar, achando eu que namoro era somente beijos intensos e abraços mais apertados. No entanto, nosso namoro foi esquentando com beijos mais lascivos, abraços com mãos descendo em lugares não permitidos, até certo dia. Eis que no período de férias, na casa de praia, meu namorado foi o pôr do sol comigo. Meus pais dormiam dentro de casa, enquanto eu e ele ficamos na rede, lá na varanda. No início, apenas nos beijávamos, matando toda aquela saudade. Sempre tinha a impressão de que fazia séculos que não nos víamos, pois os beijos eram cheios de muita vontade de se ter, mas não no sentido sexual da palavra. Era muito afeto, muito carinho, somente. Porém, neste dia, houve uma divisão de águas na nossa relação. As coisas se intensificaram entre nós, dentro da rede. Ele passou a me beijar com mais força, com mais saliva, mais ofegante... Sarramos muito, porém, quando a coisa estava realmente esquentando, eu me afastei repentinamente e pedi pra ele parar, bem séria... Ele viu que eu não estava brincando, parou e se ajeitou, respirou fundo e perguntou "o que foi, meu amor?"... Eu desci da rede, fui correndo pro banheiro, pensando eu que não tinha segurado o xixi... Quando tirei a calcinha, vi que ela estava ensopada, totalmente molhada... mas com um líquido transparente e com uma textura bem diferente... não era xixi... Não sabia explicar o que era... Perante a minha inocência, não havia explicação a dar... Me enxuguei, mas a calcinha continuava bem úmida...e o short também estava com uma mancha molhada.

Quem olhasse direito, pensaria que eu tinha feito xixi mesmo. Pensei em trocar de roupa, mas como meus pais estavam dormindo e minha mala estava no quarto deles, preferi não incomodá-los e voltei lá pra fora... Lá chegando, percebi que meu namorado já tinha se recomposto e me questionou o que ocorrera comigo... Tentei explicar, ele riu e me beijou bem intensamente, dizendo que amava a minha inocência... E se parar pra pensar, eu também amava o que quase acabara de perder... Não perdi minha virgindade no sentido de haver penetração, mas esse dia ficou marcado para mim, pois foi quando percebi que além de um amor-romântico que existia entre nós, havia algo instintivo que acabara de aflorar e que faria a diferença dali em diante. Não transamos, não tivemos outro momento mais íntimo do que aquele, pois logo em seguida terminamos o namoro, ele me traiu com outra pessoa e colocou a culpa em mim, disse que só havia me traído porque eu “não queria dar pra ele”. Me senti muito culpada, por muito tempo, mas não me arrependo. Hoje vejo que foi melhor mesmo não ter acontecido um “algo a mais”, pois éramos muito imaturos e provavelmente eu teria engravidado muito jovem. Tive outro namorado, após esse que mencionei, e tivemos uma relação bem conturbada, porém, bem “acesa”. Nos víamos sempre e a cada encontro era um “fogo alto” entre nós. Foi uma relação bem mais carnal (havia amor, claro, mas era bem mais quente em relação ao anterior) e com poucos meses de namoro (acho que uns 03), ele insinuou que me levaria ao motel e eu não me opus. Após jantar em um restaurante, ele seguiu para o Athenas e quando entramos no quarto, foi tudo muito rápido. As roupas foram sendo tiradas rapidamente, com muita vontade de se ter um ao outro e tudo aconteceu rápido. Nem lembro ao certo como aconteceu, em detalhes. Mas, sei que foi bom, eu estava à vontade com ele, era um companheiro imaturo como eu, perdemos juntos a tão falada virgindade (segundo ele, tinha sido a primeira transa também... não tenho como comprovar, mas acreditei em razão da forma de agir nessa primeira transa entre nós). Daí em diante, fomos aprendendo algumas coisas juntos sobre sexo, procurando inovar nas posições, nos lugares e ele, apesar do medo que sentia, sempre estava disposto a realizar as minhas fantasias e eu, as dele. Na época, eu tinha 22 anos, já me sentia mais madura em comparação ao relacionamento anterior, porém, não tinha sido orientada pela família como proceder caso acontecesse o sexo. Ninguém me explicou exatamente o que era perder a virgindade. Fui aprendendo com a vida mesmo, entre as amigas da faculdade que já tinham experiência e lendo revistas voltadas ao público feminino. Minha família era muito religiosa, então falar sobre sexo era/é tabu, com certeza. Atualmente, claro, as meninas têm bem mais informações sobre essas questões, porém, ainda se faz necessário

debater abertamente sobre esse assunto em todos os lugares (em casa, na escola, nos bares, nas esquinas, nas Universidades, nas redes sociais, etc), tentando desmitificar o Tabu da Virgindade. Creio que se eu tivesse recebido uma educação sexual mais cedo, provavelmente teria me sentido mais segura em muitos momentos da minha vida. Na minha concepção, quanto mais a mulher sabe sobre o seu corpo e sobre as questões que envolvem a sua existência enquanto um ser sexual, ela tem uma maior probabilidade de se impor e de empoderar-se perante o machismo que reina socialmente.



Credenciais do/a Organizador/a

Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira: Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN (PPGCS/UFRN); Mestra pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN); Bacharela em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Estudante de Graduação em História/UERN; em Psicologia/UNINASSAU MOSSORÓ e nas Especializações (FAMART): 1) Psicologia Sexual; 2) Sexualidade Humana; 3) Educação, Gênero e Sexualidade; 4) Psicologia da Saúde. Atua como técnica administrativa do Departamento de História e no grupo de pesquisa História do Nordeste: sociedade e cultura (UERN); Atualmente está vinculada como discente à Diretoria de Edições de Texto da Revista Acadêmica Lampiar (FAD/UERN) e ao grupo de pesquisa Saúde, Gênero, Trabalho e Meio Ambiente (SAGMA/UFRN). Na área de pesquisa, centra seus estudos no campo das Ciências Sociais e Humanas. Interessada nos seguintes temas: gênero; transexualidade; sexualidade; orientação sexual; direitos humanos; identidade; adoção por casais homoafetivos; educação. Organizadora dos livros *O Processo de ensino aprendizagem na Escola e para além da Escola* (2021); *Michel Foucault: reflexões acerca dos saberes e dos sujeitos* (2019); *Ensino e Formação: novas perspectivas para o cotidiano* (2018); *Interfaces dos Gêneros e do Sujeito: construindo relações filosóficas e socioeducacionais no âmbito brasileiro* (2017). Correio eletrônico: aryannequeirozpsicologia@gmail.com

Lucas Sullivam Marques Leite: Graduado/licenciado em Filosofia e estudante bolsista/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), nível de mestrado, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com área de concentração: Processos Formativos em Contextos Locais e linha de pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP) é Especialista: 1) Gestão Escolar: administração, supervisão e orientação; 2) Filosofia e Direitos Humanos. Curso profissionalizante em Produção Cultural, pela Desenvolvimento Artístico (DA). Na UERN está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias, (Auto) Biografias e Inclusão (GEPEMABI), ao Grupo de Estudos Culturais (GRUESC), ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI); e a Comissão de Avaliação Recursal responsável pelo Procedimento de Heteroidentificação para as Cotas Étnico-Raciais. Integra a equipe técnica da Revista de Estudos Socioculturais (RESC/UERN). Idealizador e diretor do Igbín Ateliê de Lembranças. Organizador dos livros *O Processo de Ensino-Aprendizagem na Escola e para Além da Escola* (2021); *Michel Foucault: reflexões acerca dos saberes e dos sujeitos* (2019); *Ensino e Formação: novas perspectivas para o cotidiano* (2018); *Interfaces dos Gêneros e do Sujeito: construindo relações filosóficas e socioeducacionais no âmbito brasileiro* (2017). E-mail: sullivamml@gmail.com

As narrativas (auto) biográficas reunidas neste livro representam um recorte poético e anônimo das memórias e experiências vividas com a “perda” da virgindade entre sujeitos e contextos diversos. Alguns elementos que se estruturam das relações de poder ao cuidado de si nos processos de subjetivação, abordando diferentes dimensões das práticas culturais e educativas, nos convidando a pensar as estéticas e filosofias que fundamentam a arte da vida e suas implicações com a liberdade, o corpo, o imaginário, as sexualidades, as formas e os sentidos de amar.

Lucas Súllivam Marques Leite